



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E  
INTEGRAÇÃO**

**A ESTRATÉGIA NORTE-AMERICANA DE GOLPE SUAVE CONTRA HUGO CHÁVEZ  
UMA LEITURA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**FELIPE AKIRA SUZUKI DE SOUZA**

Foz do Iguaçu  
2014





**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E  
INTEGRAÇÃO**

**A ESTRATÉGIA NORTE-AMERICANA DE GOLPE SUAVE CONTRA HUGO CHÁVEZ  
UMA LEITURA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**FELIPE AKIRA SUZUKI DE SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

Orientadora: Profa. Ms. Karen dos Santos Honório

Foz do Iguaçu  
2014

FELIPE AKIRA SUZUKI DE SOUZA

**A ESTRATÉGIA NORTE-AMERICANA DE GOLPE SUAVE CONTRA HUGO CHÁVEZ  
UMA LEITURA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Ms. Karen dos Santos Honório  
UNILA

---

Prof. Dr. Fernando Gabriel Romero  
UNILA

---

Profa. Dra. Tereza M. Spyer Dulci  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe, pela confiança e apoio, tão imprescindíveis.

Agradeço à Dani, pela força e companheirismo, tão necessários.

Agradeço a minha família em geral pela fé em mim depositada.

Agradeço à minha orientadora, Karen, por sua paciência e atenção.

Enfim, agradeço a todos envolvidos nesse processo e que com certeza me ajudaram muito.

*The sea's only gifts are harsh blows, and occasionally the chance to feel strong. Now I don't know much about the sea, but I do know that that's the way it is here. And I also know how important it is in life not necessarily to be strong but to feel strong. To measure yourself at least once. To find yourself at least once in the most ancient of human conditions. Facing the blind deaf stone alone, with nothing to help you but your hands and your own head.* **Christopher McCandless**

SOUZA, Felipe Akira S. de. **A Estratégia Norte-americana de Golpe Suave contra Hugo Chávez**: uma leitura a partir da Teoria Crítica das Relações Internacionais. 2014. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais e Integração) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2014.

## RESUMO

No dia 11 de Abril de 2002 teve lugar na Venezuela um golpe de Estado contra o então presidente Hugo Chávez Frias, iniciado pelas forças opositoras ao governo e que comandaram o país anteriormente por meio de um regime que hoje se denomina de Pacto de *Punto Fijo*. Esse governo teve como característica principal um aparelho estatal controlado pelos principais partidos do país, AD e Copei. O regime *puntofijista* durará por 40 anos, até que as eleições de 1998 elegeram à Chávez. Durante os anos de seu governo compreendidos nesse trabalho veremos as transformações que passa o sistema estatal venezuelano, sendo uma das mais importantes a promulgação de uma nova constituição, mudando a forma de Estado que se via até então. A adoção de uma democracia participativa, a consequente criação de diversas instituições que garantissem a participação política, a reforma da lei de terras do país com a reforma agrária, a reforma na lei de pesca e, a mais importante, a reforma na lei de hidrocarburos foram elementos chave para se entender esse período. Não obstante as mudanças sofridas no complexo Estado/Sociedade Civil foram suficientes para remodelar toda a Estrutura Histórica do país, mudando as Forças Sociais. Em consequência dessas mudanças as antigas forças do país, acostumadas a controlar a ideologia e as capacidades materiais do Estado passarão a trabalhar com outra força, externas ao país. O embate gerado a partir dessa reconfiguração será, necessariamente, um embate entre hegemonias, uma interna chavista e outra externa. O que tentaremos compreender, portanto, é o envolvimento dos Estados Unidos com a oposição ao governo venezuelano, um intervencionismo comum quando se fala em estratégias afins para a América Latina. Para isso analisaremos documentos vazados pelo *Wikileaks* que demonstram a estratégia norte-americana de golpe “suave” contra Chávez, principalmente após o fracasso do golpe de 2002.

**Palavras-Chave:** Venezuela, Estados Unidos, Hegemonia, *Wikileaks*, Golpe Suave.

SOUZA, Felipe Akira S. de. **La Estrategia Norte-americana de Golpe Suave contra Hugo Chávez**: una lectura a partir de la Teoría Crítica de las Relaciones Internacionales. 2014. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais e Integração) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2014.

## RESUMEN

El día 11 de abril de 2002 tuvo lugar en Venezuela un golpe de estado contra el entonces presidente Hugo Chávez Frías, iniciado por las fuerzas opositoras al gobierno, y que comandaban el país anteriormente por medio de un régimen que hoy se denomina Pacto de Punto Fijo. Ese gobierno tuvo como característica principal un aparato estatal controlado por los principales partidos del país, AD y Copei. El régimen puntofijista durará 40 años, hasta que las elecciones de 1998 eligieron a Chávez. Durante los años de su gobierno comprendidos en este trabajo, veremos las transformaciones por las cuales pasa el sistema estatal venezolano, siendo una de las más importantes, la promulgación de una nueva constitución, cambiando la forma de Estado que se percibía hasta entonces. La adopción de una democracia participativa, la consecuente creación de diversas instituciones que garantizaran la participación política, la reforma de ley de tierras del país con la reforma agraria, la reforma en la ley de pesca y, la más importante, la reforma en la ley de hidrocarburos fueron elementos clave para entender este período. Sin embargo estos cambios sufridos en el complejo Estado/Sociedad Civil fueron suficientes para remodelar toda la Estructura Histórica del país, cambiando las fuerzas sociales. Como consecuencia de esos cambios, las antiguas fuerzas del país, acostumbradas a controlar la ideología y las capacidades materiales del Estado, pasarán a trabajar con otra fuerza externa al país. El enfrentamiento generado a partir de esa reconfiguración será, necesariamente, un choque entre hegemonías, una interna chavista y otra externa. Lo que intentaremos comprender, por lo tanto, es la participación de los Estados Unidos aliados a la oposición del gobierno venezolano, un intervencionismo común cuando se refiere a estrategias afines a América Latina. Para eso analizaremos documentos filtrados por Wikileaks que demuestran la estrategia norteamericana de golpe “suave” contra Chávez, principalmente después del fracaso de golpe de 2002.

**Palabras Clave:** Venezuela, Estados Unidos, Hegemonía, Wikileaks, Golpe Suave.



SOUZA, Felipe Akira S. de. **The North-American Strategy for a Smooth Coup against Hugo Chávez:** an over-view through the Critical Theory of International Relations. 2014. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais e Integração) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2014.

## ABSTRACT

On April 11 of 2002 it took place in Venezuela a Coup D'état against the so on President Hugo Chávez Frias, initiated by the opposition forces that previously commanded the country through the so-called *Punto Fijo* Pact. This government's main characteristic was a State apparatus controlled by the major political parties in the country, AD and Copei. The *puntofijista* regime will last for 40 years, until the elections in 1999 that chose Chávez. During his years in the government, comprehended in this paper, we will see the transformations that the Venezuelan State shall pass, being one of the most important the enactment of a new constitution, changing the form of State seen so far. The adoption of a participative democracy, the consequent creation of various institutions to guarantee the political participation, the reforms on the country's land law, the land reform, the reform on the fishing law, and the most important, the hidrocarbonate reform, were the key elements to understand this period. Regardless, the undergo changes on the complex State/Civil Society were sufficient to reconfigure the country's whole Historical Structure, changing also the Social Forces. As consequence of this changes the country's old forces, used to control the ideology and the material capabilities will start to work with another force, external to it. The generated shock from this reconfiguration will be, necessarily, a shock between hegemonies, one internal chavist and another external. What we will try to understand, therefore, is the United States involvement with the opposition to Venezuelan government, a common interventionism when talking about related strategies to Latin America. Thereunto we will analyze leaked documents to WikiLeaks that demonstrate the north-American strategies for a "Smooth" Coup D'état against Chávez, mostly after the failed coup in 2002.

**Key Words:** Venezuela, United States, Hegemony, WikiLeaks, Smooth Coup.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> TRÊS CATEGORIAS DE FORÇAS.....	29
<b>Figura 2:</b> OS TRÊS NÍVEIS OU ESFERAS DE ATIVIDADES.....	30

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**AD** – *Acción Democrática*

**BM** – Banco Mundial

**CANTV** – *Campania Nacional de Teléfonos de Venezuela*

**CIA** – *Central Intelligence Agency*

**COPEI** – *Comité de Organización Política Electoral Independiente*

**COPRE** – *Comisión para la Reforma del Estado*

**CTV** – *Central de Trabajadores de Venezuela*

**DAI** – *Development Alternative Inc.*

**EUA** – Estados Unidos da América

**FALN** – *Fuerzas Armadas de Liberación Nacional*

**FARC** – *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia*

**Fedecámaras** – *Federación Nacional de Cámaras y Asociaciones de Comercio de Venezuela*

**Fena-Pesca** – *Federación Nacional de Asociaciones Pesqueras*

**FMI** – Fondo Monetário Internacional

**IMET** – Programa Internacional de Educação e Treinamento Militar

**IRI** – *International Republican Institution*

**LCR** – *La Causa Radical*

**MAS** – *Movimiento al Socialismo*

**MBR-200** – *Movimiento Bolivariano Revolucionario 200*

**MIR** – *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*

**MNE** – *Ministerio de Minas y Energía*

**MUD** – *Mesa de la Unidad Democrática*

**MVR** – *Movimiento Quinta República*

**NED** – *National Endowment for Democracy*

**ONG** – Organizações não Governamentais

**OPEP** – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

**OTI** – *Office Transition Initiative*

**PCV** – *Partido Comunista de Venezuela*

**PDVSA** – *Petróleos de Venezuela S. A.*

**PPT** – *Patria Para Todos*

**PRV** – *Partido de la Revolución Venezolana*

**RCTV** – *Radio Caracas de Televisión*

**RI** – *Relações Internacionais*

**URD** – *Unión República Democrática*

**USAID** – *United States Agency for International Development*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. A TEORIA CRÍTICA E AS TEORIAS <i>MAINSTREAM</i> NAS RI: UM EMBATE TEÓRICO DO SISTEMA INTERNACIONAL</b> .....	17
1.1. O REALISMO POLÍTICO E O SISTEMA INTERNACIONAL.....	18
1.2. UMA CONTRAPARTIDA TEÓRICA DO SISTEMA INTERNACIONAL.....	23
1.2.1. Teoria Crítica na Análise de Relações Internacionais .....	25
<b>2. O PACTO DE PUNTO FIJO E OS PRIMEIROS ANOS DE GOVERNO CHÁVEZ (1958 – 2006)</b> .....	34
2.1. FORMAS DE ESTADO: DO REGIME <i>PUNTOFIJISTA</i> À REPÚBLICA BOLIVARIANA.....	34
2.2. FORÇAS SOCIAIS: DA AD E COPEI AO MVR.....	49
2.2.1. O Golpe de Abril de 2002 e seus Desdobramentos .....	52
2.3 ESTRUTURAS HISTÓRICAS: O MODELO DE ROBERT COX NA ANÁLISE DA VENEZUELA .....	56
<b>3. <i>CABLEGATE</i>: DESCLASSIFICANDO A ESTRATÉGIA NORTE-AMERICANA PARA DESESTABILIZAR CHÁVEZ</b> .....	59
3.1. <i>WIKILEAKS</i> : UMA NOVA FONTE PARA A ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. ....	59
3.2. USAID/OTI: ANALISANDO A PARTICIPAÇÃO DESSES ATORES NA TENTATIVA DE GOLPE SUAVE... ..	64
3.2.1. Relatório sobre o Programa Venezuelano da USAID/OTI .....	66
3.2.2. Suporte Programático para a Estratégia de 5 Pontos da USAID/OTI.....	67
3.3. EMBATE ENTRE HEGEMONIAS .....	72
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75

<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	78
<b>ANEXOS</b> .....	81
<b>ANEXO A</b> – Relatório Sobre o Programa Venezuelano da USAID/OTI.....	82
<b>ANEXO B</b> – Suporte Programático Para a Estratégia de 5 Pontos da USAID/OTI.....	89

## INTRODUÇÃO

É tema recorrente na história da América Latina a participação dos Estados Unidos em tentativas de desestabilização de governos ou golpes nos países da região. Ao longo das décadas podemos perceber que as estratégias para a efetivação desses “golpes” por parte da referida potência se altera conforme a conjuntura político-econômica de cada período, bem como essa estratégia também se articula com setores e forças sociais e políticas desses países que visam chegar ao poder, não podendo ser esquecidas numa compreensão mais profunda dos golpes.

Tendo em vista essa ideia inicial, temos como o principal objetivo desse trabalho analisar em que medida os Estados Unidos como hegemonia mundial interfere ou interferiu na Venezuela a partir de 2002, com a tentativa de golpe a Hugo Chávez, e como se deu a articulação entre essa estratégia e as forças golpistas.

Para tal dialogaremos com o conceito de “Golpe Suave” proposto pelo sociólogo norte-americano Gene Sharp (2002), em seu livro “Da Ditadura à Democracia”. O autor afirmará que para se derrocar um governo indesejável se pode utilizar de uma estratégia mais “suave”, ou seja, em passos com medidas de desestabilização e isolamento do poder.

Para alcançar tal objetivo exposto acima trabalharemos com dois documentos selecionados diretamente do *Website Wikileaks*. Esses documentos nos dão indicativos da forma de atuação estadunidense, que através de um aparato institucional interfere na forma de Estado que atualmente verificamos na Venezuela. Nosso aporte teórico será a Teoria Crítica das Relações Internacionais, mais especificamente a teoria de Robert W. Cox. Para tanto estruturamos o trabalho em três capítulos essenciais, contendo em cada um, respectivamente: o marco teórico-metodológico; a conjuntura histórica; e por último a análise documental.

Propomo-nos nesse trabalho a analisar historicamente as relações sociais, políticas e econômicas da Venezuela para podermos entender a inserção dos Estados Unidos no processo. Nosso período de análise será desde o pacto de *Punto Fijo* em 1958 até 2006, versando principalmente sobre as transformações no complexo Estado/Sociedade Civil que bruscamente reconfiguraram a hegemonia interna do país. O estopim para essa mudança se encontra simbolizado no episódio do Caracazo, uma série de revoltas contra as medidas neoliberais colocadas a cabo pelo governo de Carlos Andrés Perez em 1989 após um empréstimo substancial com o FMI. Ainda representativo, a tentativa de golpe pelo MBR-

200, o movimento revolucionário liderado por Chávez, em 1992 também se pode entender como uma das reações ao descontentamento público com o governo.

Ainda iremos analisar a chegada de Chávez ao poder em 1998, considerando que a partir de sua presidência se iniciam profundas mudanças na forma de Estado. No entanto um dos episódios chave para esse trabalho será a tentativa de golpe em 2002, perpetrado, como iremos ver, pelas forças internas opositoras e representantes do antigo regime juntamente com forças externas ao país, mais especificamente os Estados Unidos. A análise do golpe será dada por uma leitura dos estudos de Eva Gollinger que investigou o envolvimento de agências norte-americanas no episódio. Contudo, pautaremos nossa análise nos eventos posteriores ao golpe, mais especificamente de 2002 até 2006. Os documentos vazados pelo *Wikileaks* serão nossa fonte primária de análise.

No primeiro capítulo, da teoria, como vimos, será essencial para nosso trabalho pois partilhamos da concepção de Cox de que os estudos nas Relações Internacionais não podem reificar seus objetos de estudo, como o Estado e o Sistema Internacional, ou seja, não compreendemos os Estados nem o S.I. como valores unitários e indivisíveis. A conceptualização desses objetos de estudo não pode ocorrer sem que se entenda o seu sentido mais profundo, ou ontológico. Para Cox (1991) as forças internas de um país, assim como as diferentes esferas de atuação dessas, devem ser colocadas como parte da análise, verificando as formas que se relacionam dialeticamente. Contudo, a caracterização da teoria crítica nas RI é também o de estudo, não somente interno, mas também do sistema internacional e das forças que regem esse sistema. Nesse sentido, tomaremos de Cox a análise da hegemonia e da formação de ordens hegemônicas mais especificamente. Esse autor trará para o debate em RI os escritos teóricos de Gramsci em sua análise (interna) da conformação de hegemonias, mais especificamente da hegemonia da classe burguesa, porém também extrapolará para uma análise geral de hegemonias de classes como um todo, seja essa burguesa ou proletária.

O trabalho de Cox nos influenciará por todo o trabalho, não ficando contido somente no primeiro capítulo, mas retomaremos sua análise ao longo de todo o texto. Partiremos sempre da realidade da qual estamos escrevendo para analisa-lo. Nesse sentido no primeiro ponto nos preocuparemos em assentar as bases dos escritos desse autor, iniciando com uma caracterização do realismo/neorrealismo para podermos verificar o embate teórico em RI, pois, os escritos de Cox serão fortemente críticos à essas corrente. Seguindo na análise teórica colocaremos uma breve descrição da teoria crítica nas ciências sociais, base do autor. Por último colocaremos os pontos discutidos pelo autor e sua perspectiva de forma mais profunda.



No segundo capítulo olharemos de forma histórica para a estrutura social, política e econômica da Venezuela. Nesse ponto iniciaremos a análise real de nosso objeto, colocando de forma dialética as Estruturas Históricas como contidas em Cox. Nesse sentido estudaremos essencialmente duas estruturas, o regime de *Punto Fijo* e a República Bolivariana, respectivamente representada pelos partidos políticos AD e COPEI, contrapostos pelas forças chavistas.

O período de estudo será como vimos de 1958 até 2006. A primeira estrutura sendo de 1958 até 1998, portanto 40 anos de poder; e a segunda de 1998 até 2006. Essencialmente estudaremos a ascensão de Hugo Chávez ao poder, que chegando no governo realoca toda a estrutura social e política no país.

Esse estudo histórico da mudança na forma de Estado na Venezuela é importante pois nos dará uma perspectiva mais abrangente para nossa hipótese. Porém, a forma de Estado não será a única estrutura a serem modificadas, as forças sociais e até mesmo a hegemonia interna do país se reestruturará. Esse será nosso segundo ponto nesse capítulo, o estudo das forças sociais venezuelanas com a perspectiva representativa dos partidos AD e COPEI até passar para o MVR, partido de Chávez.

Diversos eventos históricos serão importantes para nossa análise, como o “Caracazo”, a tentativa de golpe militar perpetrado por Chávez em 1992 e a própria eleição de Chávez em 1998. No entanto um evento em especial será de suma importância para esse trabalho, o golpe de Estado que ocorre em 2002, posto em prática pelas antigas forças que governaram o país, AD e COPEI. Esse ponto será preponderante, pois, conforme Gollinger (2005) os Estados Unidos terão papel essencial no golpe, o que resultará em nossa pesquisa dos desdobramentos desse evento para a tentativa de golpe “suave”, ou seja, da desestabilização de Chávez do poder.

Essa análise histórica contida no capítulo dois nos dará a possibilidade de estudar mais a fundo o conteúdo dos documentos que retiramos do *Wikileaks*. Como resultado, teremos a análise documental do capítulo três, onde estudaremos o conteúdo dos arquivos diplomáticos vazados pelo *Website*.

Contudo, iremos aportar primeiramente para um breve estudo teórico do sociólogo Manuell Castells, cujos trabalhos com o campo da comunicação e sobretudo da internet nos possibilitará enxergar o papel em que surge o *Wikileaks* e porque o consideramos importante para nossa análise como uma fonte primária de dados, sem os quais não nos possibilitaria esse trabalho da forma como pensado. Na sequência daremos início ao estudo e análise dos documentos em si, tentando ligá-los primeiramente com a conjuntura extraída do segundo

capítulo e por último conectando com a base teórica para extrairmos o resultado da análise. Nesse capítulo se encontra a resposta a nossa pergunta primária, da forma que se dá o golpe “suave” na Venezuela perpetrada pelos Estados Unidos.

Em suma nosso trabalho se guiará pelo marco teórico da teoria crítica, analisando historicamente a formação dos diversos fatores que se encontram tanto no interior do país assim como no exterior, somando a isso a análise documental que nos brindará a forma de atuação dos Estados Unidos contra o governo de Chávez.

## 1. A TEORIA CRÍTICA E AS TEORIAS *MAINSTREAM* NAS RI: UM EMBATE TEÓRICO DO SISTEMA INTERNACIONAL

Nesta primeira parte do capítulo apresentaremos os principais conceitos que irão servir de instrumental analítico teórico para a compreensão de nosso objeto de pesquisa: a estratégia norte-americana de golpe “suave” contra Chávez a partir de 2002. Para tanto fizemos uma escolha teórico-metodológica de embate entre duas correntes teóricas, o Neorealismo como uma das maiores expressões de uma teoria *mainstream* nas RI e a Teoria Crítica que nos servirá de aporte para desconstruirmos e reanalisarmos nosso objeto de análise. Dessa forma tomaremos como principais referências os autores Kenneth N. Waltz e Robert W. Cox.

O debate proposto ainda que tenham o mesmo objeto de análise, o sistema internacional, são distintos em nível. Waltz com a ideia de estrutura anárquica e Cox com as estruturas históricas. A partir de ambas as perspectivas, buscaremos compreender o entendimento que os autores fazem das forças internas do Estado, principal conceito que iremos abordar. Cabe ressaltar, porém, que o estudo das forças internas é de intenso debate nas RI já que esse dará o aporte para se entender as relações internacionais.

Na primeira parte traremos as contribuições realistas de Morgenthau e Waltz para o entendimento do sistema internacional e as interações dos Estados. Seus aportes teóricos nos darão a perspectiva *Mainstream* das RI, considerando que por décadas o realismo tem sido a mais trabalhada corrente teórica no nosso campo já que seus aportes surgem dentro da academia norte-americana e europeia onde se produz a maior parte dos estudos sobre RI e influenciam a partir daí a produção em todo o mundo, indiretamente através de programas de intercâmbio acadêmico. Esses aportes, portanto, norteiam a política externa de diversos países e são considerados por *Policymakers* em todo o mundo como no próprio Estado Unidos, que trabalharemos nesse trabalho.

De fato a política norte-americana é considerada por muitos como calcada nos princípios do realismo político, da competição, do poder e da busca por segurança e defesa. Isso se deve pelo fato de que o próprio desenvolvimento do pensamento realista se dá nas academias norte-americanas com pensadores como Edward H. Carr, Hans Morgenthau, Raymond Aron, George Kennan, Kenneth Waltz, entre outros, que vão olhar diretamente para o novo papel dos EUA na nova ordem pós II Guerra Mundial. Dessa forma a política externa norte-americana vai ter uma relação intrínseca com o que esses teóricos vão formular para o entendimento sistêmico das relações internacionais. Além também de Liberais e Neoliberais

como Ernst Haas, David Mitrany, Keohane e Nye que não iremos trabalhar aqui, mas que serão parte de um intenso debate na academia estadunidense.

Na segunda parte do capítulo apresentaremos a análise da teoria crítica das RI como aporte para o entendimento dessa ação estadunidense no cenário político internacional. Cox trabalhará conceitos chave de hegemonia (nos moldes gramscianos) e poder e do funcionamento desse sistema internacional, sendo preciso para considerarmos questões conceituais como soberania e ingerência. O debate de nível sistêmico colocado por Cox será, portanto, fundamental para entendermos a política norte-americana para a América Latina.

### 1.1. O REALISMO POLÍTICO E O SISTEMA INTERNACIONAL

No entanto, antes de considerarmos as contribuições de Waltz para nossa análise é necessário dar alguns passos atrás e falar de Hans Morgenthau, ou seja, antes de abordar os conceitos do Neorealismo abordaremos os conceitos do próprio Realismo clássico. Com a ressalva de que o nível sistêmico do debate que propomos surgirá no Neorealismo em oposição ao nível estatal do Realismo.

Em 1948 Morgenthau consolida as bases do que seria a corrente mais predominante quando falamos de RI com a publicação do livro *“Politics Among Nations”*, na data citada acima, e explica os seis princípios básicos do Realismo: 1) leis objetivas que governam a política e a sociedade com base na natureza humana; 2) interesses definidos em termos de poder; 3) o poder como universalmente definido, porém variável no tempo e espaço; 4) a moral não é universal; 5) a moral é subordinada à defesa e segurança dos Estados; 6) a política para o realista está acima das outras esferas sociais, como econômicas por exemplo (MORGENTHAU, 2003).

Segundo Morgenthau “[...] o mundo imperfeito como é do ponto de vista racional, resulta do encontro de forças inerentes à natureza humana. Assim, para poder melhorar o mundo, seria necessário trabalhar com essas forças, e não contra elas” (IDEM, p. 4). Essa frase ilustra bem o Realismo, as forças comentadas seriam as próprias da “natureza humana”, egoísta e auto orientada na busca de seus interesses. O “estado de natureza selvagem” conforme é trabalhado por Hobbes (1979) seria o que imprime uma condição de guerra permanente de todos contra todos, ou seja, a natureza anárquica e caótica que fazem com que o ser humano busque primordialmente sua própria segurança e defesa. É dessa relação que surge a constante busca do poder, entendido aqui como a capacidade de defesa do interesse

próprio e da sobrevivência.

Os seis princípios citados acima explicam esse pano de fundo realista e a partir deles abordam os diversos objetos de análise das Relações Internacionais, como o Estado em si, considerado por seus teóricos como o único ator realmente influente no sistema internacional. Morgenthau (2003) está fazendo uma crítica ao “Idealismo” do entre guerras na política internacional baseando-se no livro “Vinte Anos de Crise” de Edward H. Carr.

A proposta do Realismo é justamente pontuar a racionalidade na busca pelo poder e auto sobrevivência como o norteador das ações dos Estados no cenário internacional anárquico, ou seja, a principal contribuição do Realismo é imprimir a materialidade e a racionalidade para entender o comportamento dos Estados no cenário internacional. Dessa forma o realismo se diferencia ao apontar os constrangimentos que impedem a mudança enquanto o idealismo utópico almeja mudar o mundo pela força de vontade (CARR, 2001).

Os aportes de Waltz serão denominados “Neorrealistas”, pois como citado anteriormente terá outro nível de análise, do “estatal” para o “sistêmico” e que irão dar o escopo para o debate nessa corrente até os dias de hoje.

O Neorrealismo surgirá a partir do impacto do “behaviorismo”<sup>1</sup> nas ciências sociais e em 1979 Waltz publica “*Theory of International Politics*” com os fundamentos para a renovação teórica. Dizemos renovação pois a partir das teorias de Waltz o realismo tem uma nova guinada, modificando o nível de análise do Estatal para o Sistêmico.

Waltz de fato não modifica a essência do realismo, a natureza anárquica do sistema continua uma premissa básica, sendo, como vimos, a principal mudança o nível de análise sistêmica, resultado de sua distinção entre “teorias reducionistas” e “teorias sistêmicas”. Segundo Waltz (2002) “As teorias são reducionistas ou sistêmicas, não em função daquilo com que lidam mas de acordo com a forma como organizam os seus materiais”, ou seja, a diferença entre as duas perspectivas se dá na discussão do interno e do externo, para os reducionistas as forças internas são as premissas para o comportamento externo dos Estados no sistema internacional, enquanto que para os sistêmicos o externo tem maior influência nesse comportamento.<sup>2</sup>

O autor afirma que “as resultantes políticas-internacionais não podem ser explicadas

<sup>1</sup> A chamada “revolução behaviorista” estuda o comportamento humano a partir de elementos que pode controlar, como os ambientais, deixando de lado o subjetivo e abstrato como a consciência humana. O impacto do behaviorismo nas ciências sociais é “sistêmico” e toma esse sistema como moldador do comportamento do indivíduo na sociedade e do Estado. A influência em Waltz é exatamente o comportamento do Estado em relação ao sistema internacional.

<sup>2</sup> Isso por conta das diferenças no nível de análise dos dois teóricos. O Neorrealismo entra no segundo debate das R.I entre Tradicionalistas (Realismo Clássico) versus Behavioristas (Neorrealismo) que é um debate não mais ontológico como foi o 1º mas metodológico.

de forma reducionista” (Waltz, 2002. p. 113), ou seja, o comportamento do Estado no sistema internacional só pode ser explicado a partir de uma teoria sistêmica, Pois ele (o comportamento do Estado) resulta diretamente de sua posição na distribuição de poder dentro da estrutura anárquica do sistema, ou seja, Waltz afirma que a ação dos Estados no sistema internacional não são decorrentes de sua “natureza egoísta” mas sim do lugar que cada Estado ocupa na distribuição do poder, sendo esse último percebido na comparação com a posição de poder dos outros Estados, portanto, relacional. Daí o estruturalismo, é a própria distribuição de poder no Sistema Internacional que define o comportamento dos Estados. O autor se aproxima aqui do sexto princípio de Morgenthau, que considera o político como acima das outras áreas das ciências sociais, pois em um sistema político-internacional a resultante também o é, ou seja, o sistema anárquico e as conformações de poder e interesses no sistema internacional moldam o comportamento do Estado, agindo em resposta ao próprio sistema. Essa definição de Waltz do sistema internacional será definida de estruturalista, sendo a estrutura o próprio sistema.

De fato os aportes de Waltz para o realismo são um rearranjo da própria teoria. Waltz por conta da influência behaviorista irá dizer que Morgenthau não criou uma teoria mas deu as bases para uma. O estruturalismo seria, portanto a resposta dessas críticas e dá um novo rigor à teoria, um rigor científico.

A definição de estrutura, segundo Waltz (2002) dará a exatidão necessário das premissas do realismo, pois sua conceptualização trará para o campo teórico o papel correspondente dos Estados e seu correspondente comportamento frente a outros Estados, ou seja, a estrutura é livre do comportamento das unidades, que são influenciadas mais do que influentes. Para Waltz:

Um sistema é composto por uma estrutura e por unidades em interação. [...] As definições de estrutura devem deixar de lado, ou pelo menos abstrair-se das características, das unidades, do seu comportamento e das suas interações (WALTZ, 2002, p. 114).

Segundo Waltz (Idem) a estrutura é um conceito organizacional e molda as partes distintamente no nível interno (nacional) e no nível externo (político-internacional). Internamente as partes da estrutura se dividem de forma hierárquica enquanto que externamente a falta do Leviatã, ou seja, de um de um governo central, causa a anarquia, entendida aqui mais como a ausência desse governo do que no seu sentido de caos.

A anarquia é o princípio moldador das relações internacionais, segundo os realistas, condicionando as ações dos Estados à perspectiva maior de uma estrutura competitiva e

essencialmente sem normativas restritivas. Seria para Morgenthau (2003) a busca pelo poder o que mantém as relações entre os Estados pois em um ambiente natural, sem o Leviatã, o Estado com maior poder garante melhor a própria sobrevivência. No primeiro ponto, citado no início do texto, vemos que as leis objetivas se referem exatamente a esse sistema não normativo, pois seria de acordo com o autor a lei da natureza humana que constrange as ações. O que nos levaria para o segundo ponto, sobre os interesses próprios dos Estados definidos em termos de poder sendo a defesa de seus interesses dependente de seu poder e prestígio no sistema internacional. No segundo ponto temos que o poder é universalmente definido, significando que todas as partes do sistema entendem o que é poder e como ele se conforma, porém pode variar no tempo e no espaço, ou seja, os interesses específicos das partes molda a própria razão do poder.

Entendemos, portanto, que o poder é uma questão central para os realistas. Waltz (2002) contribuirá para essa discussão tirando o papel da busca pelo poder como a questão central. Escrevendo em plena Guerra Fria o autor via como interesse maior dos Estados a sobrevivência no sistema internacional. Em um sistema já estruturado com suas partes definidas a busca por segurança seria a causa maior das ações dos Estados. Waltz enfatiza que o maior interesse dos Estados é manter sua sobrevivência e por isso a busca da segurança seria um objetivo mais importante do que a busca pelo poder conforme defende o Realismo Clássico.

Para Waltz (2002) existe uma divisão internacional do trabalho que seria a estrutura que encaixa cada parte na produção econômica e na busca de seus interesses. Tal estrutura cria uma relativa interdependência da qual os Estados buscam sempre se desvencilhar, pois uma alta dependência causa também uma fraca manobra política, tendo seus interesses cada vez mais ligados aos interesses de outros Estados. Esse conceito anda intimamente conectado a outro trabalhado pelo autor, o da autoajuda.

Os Estados, pela natureza anárquica do sistema, estariam sozinhos na busca de seus interesses, os limitantes desse sistema, como vistos acima, serviriam como constrangedores dessa busca, porém, ainda que constrangidos nas ações, as unidades da estrutura só podem contar consigo mesmos na sua própria defesa, ou seja, os Estados defendem seus interesses sem a ajuda ou garantia de uma instituição maior.

Segundo o autor: “Num sistema de autoajuda, as considerações de segurança subordinam os interesses econômicos ao interesse político” (WALTZ, 2002. p. 150). Essa afirmação descreve bem a visão Neorrealista de que o plano político está acima das outras áreas e portanto caracterizam a estrutura. Com relação a esses conceitos entendemos que

ainda que exista uma interdependência a autoajuda restringe a cooperação entre os Estados, sendo a busca pela segurança o ponto principal a ser levado em conta quando falamos das relações na estrutura.

A estrutura criada pela natureza anárquica é o que dimensiona a balança de poder, os constrangimentos criados pela interdependência e as ações comandadas pelo princípio da autoajuda são o que moldam as relações entre os Estados. Para Waltz (2002) essa estrutura leva as partes a dirigirem suas ações no plano político internacional ao conservadorismo, pela busca da segurança e da sobrevivência. Segundo o autor os Estados que não podem gerir essa segurança são englobados por Estados maiores e com maiores capacidades, porém não se anula seus próprios interesses políticos.

Nesse contexto a estrutura considerada por Waltz (2002) é imprescindível para a política internacional, diferenciada por ele da política externa dos Estados. A principal diferença é a da estrutura mesmo, enquanto a política internacional é moldada pela estrutura a política externa dos Estados é consequência desse padrão geral de política. As políticas individuais das partes surge no sistema internacional para garantia de sua sobrevivência e manutenção da balança de poder. Nesse quesito a consideração do autor é de que cada Estado é imperioso na formulação de sua política externa, ou seja, cada Estado é soberano e age no sistema de acordo com interesses próprios, resultantes da própria estrutura anárquica e desigual em termos de poder, buscando sempre a segurança.

Porém a busca pela segurança não surge como motivo único da ação do Estado, Waltz (2002) considera também que existe, por alguns Estados, a busca por uma dominância mundial, todas geridas por um interesse básico de segurança e defesa. Logo a ingerência externa é considerada como uma possibilidade de ação do Estado e tem por premissa a autodefesa. De fato alguns Estados utilizarão essa premissa de defesa ofensiva para sua política externa, como veremos mais tarde no caso norte-americano.

Nesse contexto é possível perceber, segundo Waltz (2002), um impulso imperialista de alguns Estados, sendo para o autor uma resposta moldada pela estrutura e não como princípio interno e de interesse próprio, ou seja, o impulso imperialista seria a busca por um maior controle de sua própria dependência e autossuficiência. Se consideramos essa análise podemos inferir que o comportamento de um Estado imperialista surge naturalmente através da estrutura internacional, desconectando-se da análise fatores internos, que veremos a seguir com a teoria de Robert Cox e as “forças sociais” internas.

Vemos, portanto, que a análise neorrealista de Waltz (2002) do sistema internacional é preponderantemente baseada na estrutura. A explicação para o comportamento dos Estados é



marcado pela presença dessa estrutura internacional, de natureza anárquica e conservadora. A estrutura como tal se conserva, além disso, molda o próprio sistema e as partes. A resultante das ações é, portanto, inerente ao sistema. A política externa dos Estados, portanto, seriam inerentes ao sistema e as forças internas como as forças sociais se conformariam à essa natureza, sendo assim podemos dizer que não haveria formulação de política externa em si, já que as bases para essa política já estão impressas na estrutura internacional.

Nesse sentido para a análise Neorrealista a política externa dos Estados Unidos não seria resultado das forças internas do país. A ingerência e o impulso imperialista norte-americano estão ligados a fatores externos como para garantir sua sobrevivência no sistema anárquico que estão ligados à balança de poder, tendo os Estados Unidos maior capacidade de sobrevivência.

No entanto, como veremos a seguir com a teoria Crítica de Robert Cox, os fatores internos terão maior preponderância no nível de análise, considerando as forças sociais para a forma como se comporta o Estado no Sistema Internacional. Essa diferenciação nos dará uma perspectiva distinta sobre como vemos o objeto de análise e buscaremos demonstrar como a política interna tomará diferentes formas, dependendo das estruturas históricas.

## 1.2. UMA CONTRAPARTIDA TEÓRICA DO SISTEMA INTERNACIONAL

Outro teórico que trabalha o entendimento das R.I a partir de uma visão sistêmica, com uma *rationale* bem diferente da de Waltz conforme vamos observar, é Robert W. Cox. Seus estudos em RI são influenciados pelos teóricos críticos da chamada Escola de Frankfurt, conhecidos como os fundadores da corrente crítica nas ciências sociais, e por Antonio Gramsci, cujos “Cadernos do Cárcere”<sup>3</sup> irão contribuir largamente em seus estudos, principalmente a “hegemonia” gramsciana como veremos a seguir.

Cabe esclarecer que a chamada escola de Frankfurt não constitui uma corrente teórica em si, pois foi formada por um conjunto de autores que irão escrever sobre diversas áreas das ciências sociais e muitas vezes com visões contraditórias entre eles. Podemos dizer que há uma ligação entre os autores dessa escola no que se diz da construção de uma crítica ao positivismo e seu modelo epistemológico cientificista. Além de uma crítica às promessas da

---

<sup>3</sup> Conjunto de escritos versando sobre diversos temas como a construção do nacionalismo italiano durante o regime fascista, a crítica ao determinismo econômico, a crítica ao materialismo histórico, assim como uma ampliação ao conceito marxista de Estado, entre outros.

razão iluminista.

De fato o termo “Teoria Crítica” foi utilizado pela primeira vez em um artigo<sup>4</sup> publicado por Max Horkheimer, principal expoente dessa escola, no qual diferenciava as teorias positivistas vigentes nos principais meios acadêmicos das teorias que propunham uma emancipação, trabalhada mais a fundo em conjunto com Adorno no livro “A Dialética do Esclarecimento”.

Para Adorno e Horkheimer (1995) as teorias tradicionais instrumentalizaram as ciências sociais ao considerá-las um conjunto de fatos que ainda estariam por ser descobertos. Ao analisar a realidade dessa forma os positivistas entendem que os fatos sociais são resultados naturais e dessa forma ao estudá-los poderiam prever resultados futuros como na ciência natural, subjugando os homens à natureza. A crítica dos autores é que essa contradição na teoria deveria ser esclarecida, os propósitos libertários que o positivismo advogava de distanciamento do pesquisador do objeto para evitar uma contaminação de sua visão eram equivocadas já que ao contrário da ciência natural o pesquisador faz parte do objeto de estudo, sendo ele já “contaminado” pelo objeto em si.

A conclusão desses autores é de que a aplicação de metodologias das ciências naturais para as ciências sociais tendia a reprodução de uma ordem vigente, a mesma que impulsiona a racionalidade instrumental para a construção do conhecimento social. Dessa forma os teóricos críticos entendem os fatos sociais como uma formação histórica e não pretendem ao distanciamento do pesquisador do objeto. A pretensão de um pesquisador neutro seria para os frankfurtianos uma contrariedade. A discussão trabalhada por esses autores, portanto, é uma discussão ontológica, ao questionar o papel da teoria na formação dos fatos sociais questiona-se também o papel do próprio teórico (ADORNO; HORKHEIMER, 1995).

Como mencionamos o conceito Gramsciano de “hegemonia”, que trabalharemos mais a fundo adiante, terá grande influência para Cox. Em seus estudos Gramsci (2000) irá analisar a partir da “superestrutura” (diferenciando-se dos teóricos de Frankfurt que irão analisar mais a “estrutura”) a formação de uma classe hegemônica, mais especificamente a burguesia. Para o autor os elementos simbólicos construídos por essa classe a torna de certa forma resiliente às mudanças na estrutura social. A combinação da “coerção” e do “consentimento” através desses elementos simbólicos e culturais irão formar uma ordem política que o autor denominará de hegemonia.

Veremos portanto mais diretamente através dos estudos de Cox como essas influências

---

<sup>4</sup> Fonte: HORKHEIMER, Max. “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”. In: HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. Textos Escolhidos, p. 31-68. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

tomarão forma para sua análise de Relações Internacionais, tomando os conceitos de “formação do Estado” e de “hegemonia” para entendermos melhor a formação do Estado venezuelano historicamente e da inserção dos Estados Unidos no processo.

### 1.2.1. Teoria Crítica na Análise de Relações Internacionais

Como vimos acima uma das premissas da Teoria Crítica é a de que uma teoria por mais que se denomine neutra nunca se distancia de uma visão já pré construída do objeto de análise. Nestes termos Cox afirma que “Teoria é sempre para alguém e para algum propósito<sup>5</sup>” (COX, 1981. p. 128. Tradução nossa).

Para o autor nenhuma teoria social e política pode ser desconectada de um tempo e um espaço específicos, todo teórico está condicionado à história, logo sua teoria tem uma pretensão, ainda que não intencional, aos fatos observados, ou seja, o objeto de análise de um teórico das ciências humanas compreende entre outras coisas o próprio teórico, distintamente das ciências naturais e exatas, logo sua visão sobre a realidade é também moldado por essa. Cox (1981) trabalha aqui uma crítica às teorias que se pretendem neutras ou distanciadas do objeto, tal qual os teóricos da Escola de Frankfurt, mais especificamente na área de Relações Internacionais, às teorias Neorrealistas. Nesse contexto o autor distingue dois tipos de teorias, teorias de soluções de problemas e teorias críticas.

No primeiro caso:

A primeira proposta dá aporte à teoria de solução de problemas. Essas teorias tomam o mundo como o encontra, com as relações sociais e de poder prevaletentes ao qual estão organizadas, como quadro de ação. O ponto central da solução de problemas é fazer com que essas instituições e relações trabalhem sem dificuldades ao lidar efetivamente com fontes de problemas particulares. Desde que um padrão geral de instituições e relações não seja colocado em questão, problemas particulares podem ser considerados em relação à áreas especializadas de atividade na qual surgem. (COX, 1981, p.128. Grifo do autor. Tradução nossa<sup>6</sup>).

---

<sup>5</sup> *Theory is always for someone and for some purpose*

<sup>6</sup> *The first purpose gives rise to problem-solving theory. It takes the world as it finds it, with the prevailing social and power relationships and the institutions into which they are organized, as the given framework for action. The general aim of problem-solving is to make these relationships and institutions work smoothly by dealing effectively with particular sources of trouble. Since the general pattern of institutions and relationships is not called into question, particular problems can be considered in relation to the specialized areas of activity in which they arise*

Vemos que para o autor as teorias de soluções de problemas seriam aquelas que se pretendem neutras, já que tomam o objeto de análise de certa distância, solucionando pequenas irregularidades insurgentes. A sua contraparte seria o que o autor denomina de teoria crítica:

[...] é crítica no sentido em que se coloca a parte da ordem mundial prevalecente e se pergunta como essa ordem apareceu. A Teoria Crítica, diferentemente de teorias de solução de problemas, não tomam as instituições e as relações sociais e de poder como dada, mas às questiona ao se preocupar com suas origens e como e onde estão em seu processo de mudança. Ela é direcionada como avaliação do próprio quadro de ação ou problemática, o que a teoria de solução de problemas aceita como parâmetro. (IDEM, p. 129. Tradução nossa<sup>7</sup>).

Portanto podemos entender que a teoria crítica se concentra em uma análise ontológica do objeto, considerando sempre uma construção histórica para entender a realidade desse contemporaneamente. Podemos inferir também que as teorias de soluções de problemas nesse contexto são teorias conservadoras, já que tomam a realidade como ela se encontra e se preocupam em resolver as anomalias, não aceitando mudanças sistêmicas, como foi visto acima com a teoria de Waltz que pretende criar uma teoria universal e a-histórica, ou seja, que possa ser usada para tentar compreender as relações internacionais em qualquer período histórico. Já Cox irá justamente tentar mostrar, através de uma teoria sistêmica, como as estruturas internacionais assumem diversas formas ao longo do tempo.

Como vimos no primeiro ponto desse capítulo Waltz (2002) faz uma distinção entre “teorias reducionistas” e “teorias sistêmicas”. Ambos autores irão fazer uma distinção entre duas teorias. No caso de Waltz as teorias se distinguem em como os teóricos tendem a ver o comportamento do Estado, se conformado por motivos internos ou externos. Já Cox (1981) discute o próprio nível de análise teórica, debatendo o posicionamento ideológico, tanto objetivo quanto subjetivo, do teórico em si. De fato os autores pretendem com esse debate diferenciar suas próprias teorias e justificar seu método de pesquisa. Waltz (2002) questiona as teorias que tomam as conjunturas internas para análise do comportamento do Estado. Como veremos a seguir essa caracterização reducionista pode ser colocada para a teoria crítica, dado que esse tende a ver a própria formação do Estado como um conjunto de forças internas e logo seu comportamento no sistema internacional seria moldado por essas forças.

---

<sup>7</sup> [...] *It is critical in the sense that it stands apart from the prevailing order of the world and asks how that order came about. Critical Theory, unlike problem-solving theory, does not take institutions and social and power relations for granted but calls them into question by concerning itself with their origins and how and whether they might be in the process of changing. It is directed towards as appraisal of the very framework for action, or problematic, which problem-solving theory accepts as its parameters*

Em contrapartida a distinção de Cox (1981) trará uma crítica ao nível ontológico das teorias de solução de problemas. O Neorrealismo como uma teoria que toma a estrutura internacional como formador do comportamento do Estado e principalmente que toma a estrutura em si como natural e inerente ao sistema internacional seria para Cox (Idem) uma teoria de soluções de problemas.

Desse debate vemos que Cox (Ibidem), nos estudos das Relações Internacionais, fará fortes críticas à teoria Neorrealista, sendo essencialmente contrária em seu método. O mesmo podemos dizer do Neorrealismo para a Teoria Crítica. Dessa forma essa parte do capítulo se concentrará nessa contrapartida teórica, tentando entender através de outra concepção teórica como se forma as relações internacionais e o comportamento dos Estados no sistema, tendo em conta como a política externa pode ser entendida dentro dessa corrente.

Conforme Cox (1981) a Teoria Crítica é dirigida para o complexo social e político como um todo em vez de tomá-lo separadamente para análise. Além disso a teoria crítica seria uma teoria da história no sentido em que se preocupa com um contínuo processo de mudança histórica. Logo ela é mutável através do tempo e espaço, não assume perspectivas gerais e ortodoxas de análises mas se modifica com o processo de mudança da realidade. De fato uma teoria crítica deve constantemente se modificar com a história, pois segundo o autor “[...] a suposição de imutabilidade não é somente uma conveniência do método mas também um viés ideológico<sup>8</sup>.” (IDEM, p. 129. Tradução nossa).

No entanto a crítica de Cox no nível teórico não se aplica somente ao Neorrealismo mas também a uma linha específica de teóricos marxistas, os estruturais. Para o autor, de linha marxista Gramsciana, existem duas linhas que divergiram ao longo do tempo, analogamente ao realismo e ao Neorrealismo, o “marxismo estrutural” e o “marxismo materialista histórico”. Cox (1981) explica que o primeiro está mais próximo de uma teoria de soluções de problemas, já que toma uma estrutura já existente, do capitalismo, para modificar o sistema, entendendo esse processo como único e geral. Os materialistas históricos no entanto analisam o processo de formação desse capitalismo como diverso no tempo e no espaço e formulam uma teoria a partir do entendimento desses processos. Essa diferenciação feita por Cox pode ser analisada anteriormente com a Escola de Frankfurt, como vimos acima, esses teóricos irão quebrar com essa corrente estrutural marxista que irão chamar posteriormente de “marxismo ortodoxo”.

---

<sup>8</sup> [...] *the assumption of fixity is not merely a convenience of method, but also an ideological bias.*

Contudo o ponto em comum entre essas teorias é a atenção para o conceito de conflito. Para Cox (1981) tanto o realismo, o Neorrealismo, o marxismo estrutural e o materialismo histórico tentarão explicar a natureza do conflito. Os realistas irão olhar o conflito como resultado da natureza humana e da busca pelo poder. Já os materialistas históricos percebem o conflito como resultado de mudanças sistêmicas onde os processos históricos criam novos padrões de relações humanas e a natureza do conflito também se modifica, ou seja, enquanto para os realistas o conflito é um processo contínuo e estrutural para os materialistas históricos o conflito é uma causa provável da mudança de estrutura.

Outra diferenciação está no sentido em que se dá a manifestação do poder na relações entre Estados, para Cox (1981) o materialismo histórico tem foco na análise do imperialismo dando uma dimensão vertical para o poder, contrariando a perspectiva Neorrealista horizontal com a balança de poder.

Segundo Cox: “Marxistas, como não marxistas estão divididos entre aqueles que veem o Estado como mera expressão de interesses particulares na sociedade civil e aqueles que veem o Estado como uma força autônoma expressando algum tipo de interesse geral<sup>9</sup>.” (COX, 1981, p. 134. Tradução nossa). Nesse contexto através de conceitos Gramscianos o autor irá analisar a formação do Estado como um complexo “estrutura” e “superestrutura”, ou seja, a relação entre as esferas econômicas, políticas, sociais e culturais será um fator determinante na formação do Estado e o estudo de cada parte desse complexo nos ajudará a entender a ordem mundial. De fato o materialismo histórico tem por natureza um senso crítico. Ao considerar o complexo “Estado/Sociedade civil” temos uma relação de poder em diversos níveis como poder nas relações de produção, poder nas relações dentro do Estado e poder nas relações entre Estados (Idem, p. 135). Esse é um conceito central para Cox, e demonstra sua percepção do que é o Estado a partir da relação direta entre este e sua sociedade. É o conceito que ele utiliza em contraposição a visão unitária de Estado, estáveis e previsíveis (como “bolas de bilhar”) dos Neorrealista/Realistas, que não admitem forças e elementos domésticos na concepção do Estado enquanto ator das R.I. A crítica de Cox é, portanto, quanto ao fetichismo do Estado, ou seja, considera-lo como tendo valor em si mesmo sem considerar as relações de poder e conflito que formaram o Estado.

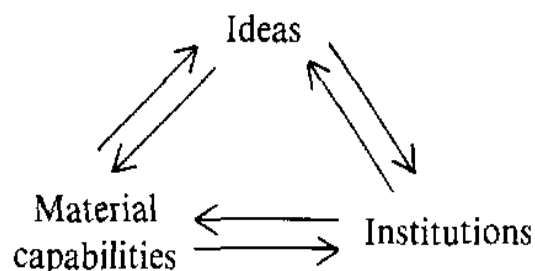
Através desse complexo Estado/Sociedade Civil, Cox (1981) percebe três forças que interagem em uma estrutura, elas são: capacidades materiais, ideais e institucionais. Segundo

---

<sup>9</sup> *Marxists, like non-Marxists are divided between those who see the State as the mere expression of the particular interests in civil society and those who see the State as an autonomous force expressing some kind of general interest.*

o autor não se pode determinar uma prevalência de uma sobre a outra considerando que elas tem uma relação de reciprocidade. O direcionamento dessas forças também não podem ser pré-determinadas e devem ser analisadas com base sempre na construção histórica do complexo como um todo.

**FIGURA 1: TRÊS CATEGORIAS DE FORÇAS (Expressado em Potencial)**



Fonte: Cox, 1981, p. 136

Segundo Cox (1981) capacidades materiais são os potenciais produtivos e/ou destrutivos. Estão ligados a capacidades tecnológicas e organizacionais quanto a transformação de recursos naturais, seja qual for seu fim. As forças ideais por outro lado são de dois tipos, ideais intersubjetivos e ideais de imagens coletivas. No primeiro caso o que se entende por intersubjetivo, segundo o autor são os ideais que se preservam durante gerações e são considerados inerentes, perpetuam noções de relações sociais e naturais que esperam hábitos e criam expectativas de comportamento, relacionada com a ideia de historicidade presente no materialismo histórico.

No segundo caso as imagens coletivas são mais específicas e demonstram ideais criados a partir de um certo grupo social, os ideais de justiça, de bem público e de ordem social podem se encontrar opostos em diferentes classes sociais. Enquanto no primeiro os ideais tendem a se preservar por mais tempo no segundo é possível verificar um constante conflito de ideais que se sobrepõem e eventualmente dão lugar a outro ideal. Essa sobreposição pode ou não dar lugar a um questionamento maior e que se expande da própria força ideal e esbarra nas ordens materiais e institucionais, esse eventual questionamento pode dar base para uma estrutura alternativa.

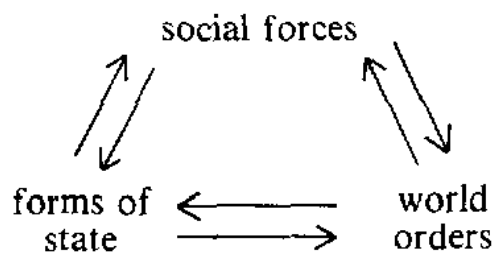
As forças institucionais são, segundo Cox (Idem), um meio para estabelecer e perpetuar uma ordem em particular. São amalgamas de forças ideais e materiais que eventualmente tomarão força própria e poderão criar e se perpetuar.

Nesse sentido existem três esferas de atividade no método de estruturas históricas coxianas, são elas: 1) a organização social da produção ou mais especificamente às forças sociais engendradas no processo de produção; 2) formas de Estado, derivados do estudo do complexo Estado/Sociedade civil; e 3) ordens mundiais (COX, 1981, p. 138).

As esferas de atividades estão interconectadas. As mudanças na organização das forças produtivas causam novas estruturas nas forças sociais e que por sua vez causa mudanças na estrutura dos Estados. Da mesma forma uma generalização na mudança das estruturas estatais irão modificar a ordem mundial vigente. Entretanto os níveis de análise não são unilineares já que uma dada estrutura da ordem mundial influencia e indiretamente molda os Estados, podendo também exercer pressões para modificações na organização da produção em países até então fora do circuito da ordem mundial (IDEM, p. 138).

Ainda segundo Cox (1981) as três esferas, forças sociais, formas de Estado e Ordem mundial, se considerados separadamente podem ser representados pelas três forças anteriormente trabalhadas, respectivamente capacidades materiais, forças ideais e forças institucionais. Porém se considerados como mutuamente influenciados cada um contém, assim como levam, as características do outro.

**FIGURA 2: OS TRÊS NÍVEIS OU ESFERAS DE ATIVIDADES**



Fonte: Cox, 1981, p. 138

As forças percebidas por Cox (1981), além das esferas de atividades são esquemas que segundo o autor não tangem sobre uma estrutura mais complexa como pretendem os Neorrealistas, pois entendem que ao relativizar toda a estrutura a uma categoria analítica o resultado produzido é inconsistente já que nenhuma teoria pode agregar toda estrutura, deixando de lado questões cruciais à análise como as forças sociais. Contudo o autor irá



trabalhar cada ponto essencial para se entender a ordem mundial separadamente, mas sem desconsiderar o efeito recíproco que tanto as forças como as esferas geram no resultado final.

Nesse contexto, para Cox (1981) a ordem mundial contemporânea se vê comandada por uma hegemonia. A chamada *Pax Americanna* foi analisada pelos Neorrealistas como um efeito da balança de poder, onde a decadência da Inglaterra como hegemonia deu espaço para o aparecimento dos Estados Unidos. Para Waltz (2002) a hegemonia, como vimos, é própria do sistema internacional e tende a caracterizá-la como um conjunto das forças materiais, negligenciando o papel das forças internas, tanto sociais e ideais como institucionais para o caráter hegemônico de um determinado país. Portanto, o conceito de hegemonia para os Neorrealistas/Realistas está ligado a ideia de expressão de maior poder material.

Essa perspectiva analítica da hegemonia como um conjunto de forças foi trabalhado por Antonio Gramsci, cujos “cadernos do cárcere” são base para a estruturação do conceito de hegemonia para Cox. No entanto, como o próprio autor esclarece, os escritos de Gramsci ainda que não tenham sido pensados para as RI são relevantes para se pensar a formação do Estado, um estudo até então dispensado nas considerações das teorias *mainstream*, e que tomam um papel importante para a teoria crítica (COX, 1993, p. 49).

Para se entender o conceito de Gramsci de hegemonia, Cox (1993) explica que é necessário olhar para os dois níveis de análise que o autor faz. No primeiro nível de análise Gramsci considera que o proletariado quando está no controle do poder é uma classe que exerce hegemonia sobre as outras classes aliadas (como os camponeses) e uma ditadura sobre as classes inimigas (como a burguesia). Esse primeiro nível ajuda o autor a teorizar sobre a própria burguesia, uma classe hegemônica que não necessariamente comanda o Estado diretamente, mas que ao controlar os burocratas, as instituições e todo o seu aparato, como a educação, exerceriam um controle indireto sobre ele e imprimindo, assim, seus valores e comportamentos. Já no segundo nível Gramsci analisa a obra “O príncipe” de Maquiavel e sua preocupação para a formação do Estado. Segundo o autor, Maquiavel estava preocupado em encontrar na base social aquilo que daria forma a um novo Estado, olhando sempre para o indivíduo do “Príncipe”. Já Gramsci estaria preocupado em encontrar uma liderança como alternativa para o fascismo, olhando, em vez do Príncipe, para o partido revolucionário ligado sempre a sua base social, que ele chamaria de “o Príncipe Moderno” (COX, 1993).

Segundo Cox (1993) essa perspectiva Gramsciana funda a hegemonia não mais como poder, mas como capacidade coercitiva dos valores, ideais, organizações de produção e formas de Estado de uma classe sobre a outra e do consentimento dessas classes. Para o autor

essa liberação do conceito de hegemonia como uma forma de poder abrange a aplicabilidade do próprio conceito para outras relações de dominação como a Ordem Mundial.

De fato, segundo Cox (1993) nessa lógica de hegemonia não basta pensarmos seu conceito como uma mera dominação ou confundi-la com imperialismo, pois uma hegemonia não exerce somente uma dominação pura e simples, mas que a coerção, assim como o consentimento, ocorrem de forma intersubjetiva, ou seja, a aparelhagem construída por uma classe social específica delimita suas forças ideais sobre as outras e por outro lado o consenso deve ser legítimo. Como explica Cox (Idem) o conceito de “consenso” pensado por Gramsci seria a legitimidade que uma classe corrobora a outra para exercer uma hegemonia. Em seu exemplo o proletariado consente com a ordem hegemônica da burguesia ao ter direitos e liberdades garantidas. Dessa forma a capacidade coercitiva de uma hegemonia depende do consentimento. Entretanto o autor deixa claro que o consentimento só acontece porque existe a coerção, são, portanto, conceitos que trabalham mutuamente.

Nesse sentido a hegemonia ao ser pensada para a ordem mundial, para Cox, não se pode falar apenas em dominação material, pois ao se pensar assim, como os Neorrealistas, as relações internacionais estariam restritas às forças dos Estados e não como uma representação do complexo Estado/Sociedade Civil. Portanto, Cox (1993) afirma que uma hegemonia mundial seria resultado das forças sociais em ação conjunta com as três forças, ideais, materiais e institucionais.

Quando pensamos nessa teorização para as RI a hegemonia seria um resultado das forças sociais que agem domesticamente e internacionalmente por meio dos Estados, pensados a partir de uma concepção do complexo Estado/sociedade civil. O aparecimento de uma burguesia hegemônica combinado com as capacidades materiais exerceria sua hegemonia para fora das fronteiras do Estado, determinando, através de sua capacidade de coerção, as estruturas para uma ordem mundial. O Estado, portanto, é uma ferramenta para consolidar uma hegemonia mundial e não o contrário conforme predica o Neorrealismo (COX, 1993, p.66).

Em relação a essa estrutura a contra hegemonia para Cox (Idem) ocorre quando já não há mais consenso, sem descartar a capacidade de uma hegemonia de se adaptar a novas formas de organização. Um movimento revolucionário seria, nesse caso, a quebra total do consenso e de uma incapacidade coercitiva do hegemom, implicando transformações nas três forças (ideias, materiais e institucionais) que vão influenciar a consolidação das novas estruturas mundiais.

Em suma o novo entendimento que Cox trará para a análise das Relações Internacionais com uma discussão ainda sistêmica, mas com outro nível de análise, é uma discussão sobre a formação dos Estados. Nesse sentido, segundo Cox (1981) as forças sociais tem um papel preponderante para se entender a conformação de novas estruturas históricas, assim como o papel hegemônico dessas forças.

A perspectiva da Teoria Crítica nos dará os elementos necessários para analisarmos, no próximo capítulo, a formação de uma nova estrutura histórica no interior da Venezuela. De fato esses conceitos nos servirão de apoio à hipótese geral do trabalho: de uma intervenção estadunidense na Venezuela para desestabilizar o então presidente Chávez. A partir dos conceitos discutidos nesse capítulo daremos aporte para a análise do comportamento dos Estados Unidos no cenário internacional, além de entendermos a própria forma de intervenção na Venezuela, o golpe “suave”.

## 2. O PACTO DE *PUNTO FIJO* E OS PRIMEIROS ANOS DE GOVERNO CHÁVEZ (1958 – 2006)

No capítulo anterior fundamentamos o que seria os aportes teórico-metodológicos desse trabalho, tentando visualizar um esquema no qual poderíamos facilmente dar procedimento à análise do objeto em si: a desestabilização do governo Chávez, assim como as forças envolvidas no processo. O método mencionado é o das Estruturas Históricas, desenvolvida por Cox.

Nesse sentido trabalharemos no presente capítulo a conjuntura histórica do país, olhando sempre para as três esferas de atividades coxianas e as correspondentes forças que se perpetuam nesse complexo.

Em um primeiro momento estudaremos o complexo Estado/Sociedade Civil, ou formas de Estado, para entendermos a conjuntura política interna da Venezuela. Nesse sentido desdobraremos a análise para a Ordem Mundial, tentando entender a inserção desse país no sistema internacional e como se relacionam.

Na segunda parte do capítulo tomaremos a análise das Forças Sociais que de forma direta ou indireta tenham agido no processo de desestabilização e intervencionismo. Em primeiro lugar analisaremos o aparecimento de Hugo Chávez como uma força política no país e como se deu sua eleição para presidente, assim como os aliados a ele. Em oposição olharemos para as forças contrárias ao novo governo, implicando em uma perspectiva tanto interna ao país como externa. Essa última parte será substancialmente mais complexa, pois envolve uma percepção conjunta das forças políticas internas da Venezuela e forças políticas externas ao país, resultando que se desenvolverá também no último capítulo, de análise dos documentos do *Wikileaks*.

No último ponto analisaremos, conclusivamente, os pontos principais do capítulo, ligando a nosso marco teórico.

### 2.1. FORMAS DE ESTADO: DO REGIME *PUNTOFIJISTA* À REPÚBLICA BOLIVARIANA

A análise do período aqui proposto se inicia em 1958 com a derrocada da ditadura de Marcos Perez Jiménez e o estabelecimento do chamado Pacto de *Punto Fijo* que iremos tratar mais à frente. Essa análise retrospectiva é importante pois nos dará o panorama geral da forma

de Estado em vigor quando chega à presidência Hugo Chávez. Não obstante as forças sociais pertinentes a essa pesquisa também terão sua formação durante esse período, como partidos políticos, movimentos representantes da Sociedade Civil organizada, forças armadas, etc. Além disso questões estruturais internacionais serão também de grande valor para esse período, como a formação da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), a crise do petróleo de 1973, e as quedas nos valores do barril no final de 1980 e inícios de 1990. Visto que a Venezuela é um dos países com maior produção petroleira do mundo e pertencente à OPEP. De fato o petróleo terá um papel primordial na política Venezuelana (MARINGONI, 2008).

Um desses momentos de grande torpor petroleiro na Venezuela se deu durante o governo de Carlos Andrés Pérez do Ação Democrático (AD) um dos principais partidos na época que junto ao Comité de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI), também chamado de Partido Social Cristão, formarão o que se denominará de Pacto de *Punto Fijo* (MARINGONI, 2008).

Ainda de acordo com Maringoni (2008) o Pacto se realizará em 1957 já com a crise de representatividade política da ditadura militar. Tal ditadura foi formada de uma junta dentre vários generais das forças armadas e teve início em 1948. Já em 1950 tal junta estava pensando em uma saída eleitoral da curta ditadura, o principal nome apontado para presidir o país era Carlos Delgado Chalbaud, filho de militar do alto escalão, que antes das eleições fora assassinado em condições misteriosas. Na época o principal acusado do crime foi Marcos Pérez Jiménez. Novas eleições foram convocadas e em 1952 com o resultado das urnas Jiménez suspende o processo alegando perigos contra a Pátria.

Ainda que relativamente curta, de 1952 à 1958, a ditadura de Pérez Jiménez é ainda considerada uma das mais sangrentas e repressivas da Venezuela. Imediatamente após as eleições de 1952 e sua suspensão, manifestações pró-legalidade aconteceram no centro de Caracas e foram fortemente reprimidas. O descontentamento público dos opositores e dos partidos que haviam participado do processo eleitoral foram respondidos com a ilegalidade (AYALA, 1987).

Segundo Ayala (1987), nesse período há um crescente gasto em obras públicas de grande peso, o aumento do preço do petróleo no âmbito internacional gerou grandes divisas internas. Seguindo uma característica dos governos militares da região, os gastos com infraestrutura aumentaram exponencialmente, juntamente com uma aproximação dos Estados Unidos, os petrodólares entraram no país e no interior do Estado começam a ganhar força setores da burguesia nacional, como empreiteiros, médicos e grandes industriais e banqueiros.

Porém a má gestão pública da economia e a negligência fiscal por parte do governo não foi capaz de manter o apoio dessa camada burguesa. Alijado das diversas forças sociais do país o governo enfrentava uma forte crise política de legitimidade. Não obstante em 1957 os representantes da AD, COPEI e a União República Democrática (URD) se reuniram em Nova York para firmar um pacto de aliança entre os partidos. O pacto de Nova York foi o embrião de outro pacto, o de *Punto Fijo* (MARINGONI, 2008).

No dia 23 de Janeiro de 1958 ocorre uma forte manifestação pública generalizada por toda Caracas pela saída do poder de Pérez Jiménez, que no mesmo dia se exilou do país. Uma junta militar de transição ficou com o controle do governo até que tomasse posse o novo presidente (AYALA, 1987).

Em meio a esses acontecimentos e antes das convocações para as eleições os representantes do pacto de Nova York se reúnem novamente. Dessa vez na chácara de Rafael Caldera (COPEI), denominada de *Punto Fijo*, por isso terá esse nome o período compreendido pelo governo resultante desse pacto. No dia 31 de Outubro os principais partidos do País acordam sobre um revezamento no poder. Esse acordo irá reger o processo político venezuelano por quarenta anos seguidos e somente terminará com a eleição de Hugo Chávez Frias em 1998 (CANELÓN; GONZALES, 1998).

Com o Pacto de *Punto Fijo* a AD e a COPEI terão um predomínio político. A URD era um partido menor e exercia menos influências nas decisões internas do Pacto. Ainda mais profundo foi o processo de debilitação e marginalidade de outros partidos menores, ou até mesmo de partidos com mais peso como o Partido Comunista de Venezuela (PCV), com a exclusão desses (IDEM, 1998)

A grande força do pacto se encontrava no fato de AD e COPEI representarem grande parcela do eleitorado do país, como vários setores burgueses e oligarcas e até mesmo grande camada da classe média e de setores trabalhistas ligado aos sindicatos, principalmente do petróleo. De fato a maior parte de sua base dependia direta ou indiretamente da indústria petrolífera. Nesse sentido o pacto soube lidar com esses setores de forma a cooptá-los para dentro do aparelho do Estado (IDEM, 1998)

Conforme Maringoni (2008), outra grande característica desse período foi a conquista por parte desses partidos de aprovar uma nova constituição em 1961. No campo constitucional a AD e a COPEI conseguiram se manter no poder através de um processo eleitoral praticamente bipartidário. O sistema de listas implementado pela constituição de 1961 previa um sistema eleitoral onde a população votaria em uma chapa fechada do partido ou uma coligação destes, como ocorre com a AD e COPEI. Esses, como já mencionado, eram

grandes partidos de massa, portanto uma coligação garantiria sua vitória nas urnas.

Esse sistema de chapas, segundo Maringoni (2008) derrocava a personalização do processo político, evitando que a posição de prestígio do presidente se sobrepusesse às outras figuras do Estado. Porém esse sistema estratificava o corpo político do país através de um centro de comando, considerando a forte hierarquização desses partidos. Os líderes da coligação eleita poderiam controlar, dessa forma, o aparelho estatal.

Chamado de “Democracia de Coalizão”, o sistema *puntofijista* conseguia manter-se no poder através de sua massiva base eleitoreira e do sistema de chapas, caracterizando um período na Venezuela que muitos autores, como Lander (2003), afirmarão que o país contava com uma democracia singular na América Latina, pois durante o mesmo período diversos países da região estavam sob regime ditatorial militar, em 1964 o Brasil, em 1973 o Chile, entre outros (CANELÓN; GONZALES, 1998).

De fato diversas teorias surgirão à época para tentar entender essa peculiaridade venezuelana. Dentre essas teorias a mais destacada afirma que a população venezuelana tem uma certa flexibilidade na aceitação de seus governantes no que diz respeito a seu caráter mais ditatorial ou democrático. A base para tal afirmação se sustenta em uma característica social do país na personificação de seus líderes. Esses poderiam ser mais democráticos ou mais ditatoriais, desde que cumprisse com uma certa estabilidade (PNUD, 2004). No entanto o pacto de *Punto Fijo* tirou por terra o personalismo da política e garantiu uma estabilidade democrática no país ao mudar as bases políticas (MARINGONI, 2008).

Entretanto, autores como Maringoni (2008), afirmarão que o período democrático representado pelo sistema *puntofijista* foi a mais eficiente democracia de fachada do continente sul-americano. A não personificação do Estado e eleições corriqueiras não garantem um sistema democrático, por assim dizer aquele que representa a maior parte da população. O autor afirma não se tratar de uma democracia completa por ser o domínio da prática política organizado a partir da alta hierarquia da AD e COPEI. Esses conseguiram através da constituição de 1961 utilizar o aparelho estatal para estratificar o modelo partidário do país e alijar as forças opositoras. Ainda que não colocados na ilegalidade, partidos como PCV não conseguiam participar efetivamente do processo eleitoral, pois eram fortemente reprimidos pelo governo. Além disso a participação de uma esquerda mais radical se encontrava no interior da Central de trabalhadores da Venezuela (CTV), controlada pelo governo.

A consequência dessa estratificação foi um governo que, de forma constitucional e aparentemente democrática, perdurou no poder por quarenta anos, de 1958 até 1998. As

forças sociais presentes nesse período serão tratadas mais a fundo no ponto 2.2.

No campo internacional, como já mencionamos, os países vizinhos viviam sob fortes ditaduras militares, generais treinados na Escola das Américas tomaram o poder em diversos países e que em linhas gerais se alinharam aos Estados Unidos no processo (PADRÓS, 2007).

Um dos maiores exemplos desse alinhamento foi o Chile de Augusto Pinochet, general em chefe das forças armadas que em 1973 promove um golpe de Estado contra o então presidente Salvador Allende. Segundo Peter Kornbluh (2013), Allende defendia uma “via chilena ao socialismo”, ou seja, democrática, com reformas de base e avanços programáticos ao socialismo. Eleito em 1970 a conjuntura internacional não era favorável aos norte-americanos. Em plena Guerra Fria, no seu auge, a casa branca não deixaria que mais um país na sua zona de controle se tornasse socialista. O caso cubano se tornou um ponto reflexivo dessa expressão norte-americana. O drama vivido com Fidel Castro e a guerrilha tornara concreto a possibilidade de revolução socialista em todo o hemisfério, os movimentos socialistas e comunistas de todos os países convulsionaram com a vitória, tornando, para os Estados Unidos, a América Latina num perigo eminente.

Segundo Kornbluh (2013), medidas foram tomadas pelo então presidente Richard Nixon para retirar Allende do poder. Essas consistiam em um forte apoio financeiro e logístico-estratégico para a oposição do governo, conforme as palavras de Nixon eles deveriam “fazer a economia chilena gritar”. A medida colocou o Chile em uma forte recessão, almejando alijar Allende do apoio popular. Não obstante no dia 11 de Setembro de 1973 o palácio presidencial foi bombardeado, dando início a ditadura de Pinochet.

O governo de Pinochet dá início à uma Doutrina de Choque. Conforme Naomi Klein (2008) as ideologias do neoliberalismo serão experimentadas no Chile a partir do governo militar, seguindo à risca os escritos de Milton Friedman. Colocando o país em um alinhamento com os Estados Unidos.

Outro governo também citado foi o governo militar do Brasil, iniciado no dia 31 de Março de 1964 com a retirada do poder de João Goulart. O presidente também democraticamente eleito havia iniciado um programa de aproximação com países com a China e a União Soviética, países socialistas, inimigos dos Estados Unidos (BLUM, 2003).

No caso brasileiro o alinhamento ocorreu principalmente pelo intermédio do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM). Conforme Blum (2003) tais mecanismos surgiam como instrumentos de política econômica norte-americana que por meio de alta taxação de juros tornava as economias internas dos países dependentes desse capital.

O cenário internacional bipolar é de fundamental importância para se entender as



dinâmicas dos países nesse momento. A Ordem Mundial bipolar segundo Bethel e Roxborough (1991) se caracteriza por uma separação do mundo em dois grandes polos de poder, de um lado no bloco capitalista com a liderança dos Estados Unidos e do outro o bloco socialista liderado pela União Soviética. As duas superpotências conformavam não somente uma divisão de poder mas também de ideologia. No entanto um movimento essencial apareceu nesse cenário, liderado pela Índia, o denominado bloco dos “não alinhados”<sup>10</sup> ganhou força entre diversos países do chamado terceiro mundo.

No bojo desse movimento ocorre a formação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) que terá fundamental importância para a Venezuela e o governo *puntofijista*. No entanto a importância do petróleo para esse país já vinha crescendo consideravelmente desde a década de 1920 com o *Boom* petrolífero. A descoberta de novas bacias de petróleo alguns anos anteriores transformara a Venezuela no país com a maior reserva de hidrocarbonetos líquidos do mundo e era já nessa década o segundo maior produtor, atrás somente dos Estados Unidos (MARINGONI, 2008).

A consequência sobre essa quantidade de petróleo levou a diversas regulações do Estado sobre sua exploração. O General Vicente Gómez que presidirá ditatorialmente o país entre os anos de 1909 até 1935 regulará pela primeira vez impostos a serem pagos especificamente pela exploração de hidrocarbonetos em 1918, antes disso tais empresas apenas pagavam impostos regulares como qualquer outra no país. Em 1918 foi regulamentado que as concessões para exploração e prospecção teriam um período de vigência e que após esse tempo voltariam ao controle do Estado, além disso fixou-se uma taxa entre 8% e 15%. Nesse sentido pela primeira vez o Estado venezuelano teria maior participação nos lucros provindos do petróleo. Em 1920 com o *Boom* do petróleo as taxas foram revistas pelo governo fixando-se o mínimo de 15% para a exploração. Com isso o petróleo passa rapidamente a se tornar o responsável pelo maior ingresso de capital no país, considerando que Gomez, ainda que tenha concretizado a regulação sobre essa área dando maior perspectiva ao Estado, mantinha fortes relações com o mercado externo. A saber as empresas que mais se beneficiaram nesse período foram as que depois se denominariam de as “sete irmãs”, na sua maior parte norte-americanas (LANDEN, 2003).

A notável importância desse setor para o Estado venezuelano se expressará na criação do *Ministério de Minas y Hidrocarburos*, que atualmente chamado de *Ministério del Poder*

---

<sup>10</sup> Bloco de países formado em 1955 como consequência da bipolarização do mundo, entre EUA e URSS. As premissas dos países membros é a de não alinhamento com nenhum polo, além da autodeterminação dos Estados soberanos, entre outros.

*Popular para Energía e Petróleo* (IDEM, 2003).

Com a morte de Gomez em 1938 diversas mudanças foram feitas na regulamentação da área, as mais expressivas foram os constantes aumentos nas taxações para exploração, em 1944 a taxa era de 35%, em 1946 de cerca de 50%, em 1948 de 60%, chegando em 1960 à expressivos 70% (IBIDEM, 2003).

As mudanças sociais trazidas por esse incremento na economia venezuelana se traduzem em um êxodo do campo para a cidade. Na década de 1920 a população rural era de cerca de 71,6% da população, já na década de 1960 essa taxa havia caído para 33,5%. A população urbana em 1961 representava 63% da população. Considerando ainda o baixo ingresso de outras áreas na economia venezuelana essa população urbana se concentra principalmente na área petroleira (MARINGONI, 2008).

Como vimos acima, a década de 1960, momento de maior taxação sobre a exploração de petróleo e de maior camada populacional urbana concentrada no ramo petroleiro, terá também outra característica importante, o regime *puntofijista*.

Porém a bonança petroleira no país teve seu auge em 1973 com a famosa crise do petróleo, causada pelo aumento no preço do barril impulsada pelos países da OPEP. Esse período coincidiu com o primeiro mandato de Carlos Andrés Perez (1974 – 1979), que ficará conhecido como “os bons tempos”, resultado do alto ingresso dos petrodólares no país. Havia uma percepção generalizada na população da não necessidade de pagamento de impostos para a manutenção pública. Em 1976 Perez dá início à nacionalização da indústria petroleira, nasce a Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA). No entanto segundo Maringoni (2008) a nacionalização não significou um alto controle estatal na indústria, somente nos primeiros anos. A forma como tomou a PDVSA foi sua subordinação ao Ministério de Minas e Energia (MNE), associando-se às empresas privadas, entre elas as “Sete Irmãs”<sup>11</sup>, atuando como filiais no negócio. Ainda segundo o autor a empresa se tornara cada vez mais independente do Estado, devido a seu porte e importância na manutenção da economia do país, sendo chamada de um “Estado dentro do Estado”.

De fato a economia venezuelana era quase toda dependente da indústria petroleira, formando o que se denominara de uma economia de enclave, ou seja, dependente da exportação de um produto primário, com pouca diversificação produtiva e dependente do mercado externo. Não obstante todos os setores mais ricos da sociedade venezuelana à época

---

<sup>11</sup> O termo foi cunhado por Enrico Mattei, quando este era diretor da petrolífera italiana Agip-ENI. Mattei acusava o oligopólio formado pelas "sete irmãs" de criar um cartel para dominar o mercado petrolífero internacional. Formadas por Esso, Texaco, Socony, Socal, Shell, Amoco e Gulf Oil. Hoje em dia depois de vários processos de fusão elas se tornaram quatro (ExxonMobil, Chevron, Shell e BP).

estavam ligados direta ou indiretamente ao petróleo. (OLIVEIRA, 2012).

Contudo, como toda economia de enclave, sua dependência do mercado externo à torna frágil às oscilações econômicas mundiais. A década de 1980 vai mostrar isso muito bem com a crise econômica mundial. A chamada “Década Perdida” vai atingir todo o sistema internacional, na América Latina a crise terá suas raízes na dívida externa, causada pelo aumento da taxa de juros impulsionado pelos Estados Unidos. De fato o recesso econômico na década de 1980 terá diversas causas, remontando desde a década de 60 e 70, com a reativação de economias como da Alemanha (ocidental) e Japão, a diminuição das taxas de lucros nos EUA, a quebra do Tratado de Bretton Woods<sup>12</sup> como medida compensatória, a fuga de divisas internacionais, entre outros (SOUZA, 2009).

Esse período foi, conforme Maringoni (2008), a quebra do sonho venezuelano como visto nas décadas anteriores. A OPEP como medida de contenção, passou a tomar medidas mais rígidas para a produção de petróleo a modo de forçar a elevação dos preços do barril. Essas medidas serão contornadas pelos países membros por meio de diversos subterfúgios. O presidente *copeiano* Luís Herrera Campíns (1979-1984) será obrigado a desvalorizar a moeda nacional como medida de contenção. Estima-se que um total de US\$ 8 bilhões tenham saído do país nesse período.

O resultado político para a forma do Estado dessa crise foi a criação da Comissão para a Reforma do Estado (COPRE) durante a presidência de Jaime Lusinchi (1984-1989). O que se pretendia com essa reforma era eleições diretas para Prefeitos e Governadores, quebrando em certa medida com a carta de 1961 e o sistema de chapas. Além disso a legislação agora considerava postulações pessoais dos candidatos para o legislativo, tirando forte poder da cúpula partidária. Seu resultado foi a volta do personalismo político, porém deu estrutura favorável à reestruturação de partidos de esquerda como o Movimento ao Socialismo (MAS) e La Causa Radical (LCR), (IDEM, 2008).

No dia 4 de Dezembro de 1988 Carlos Andrés Perez foi eleito presidente pela segunda vez, seu nome trazia consigo o auge da economia da década de 1970 e a esperança de sua reestruturação. Porém as forças materiais já não eram as mesmas, o petróleo já não era capaz de sustentar a economia. As reservas do banco central que em 1985 eram de US\$ 13,75 bilhões, agora chegavam a US\$ 6,67 bilhões, com uma inflação de 40,3% ao ano, o desemprego atingia níveis alarmantes e o salário havia despencado (IBIDEM, 2008).

---

<sup>12</sup> Tratado firmado em 1944 pelas principais potências mundiais. Tinha como principal objetivo regular sobre a economia política internacional. Estratificou o padrão dólar-ouro como sistema monetário internacional. Os Estados Unidos quebram com o tratado em 1974 e estipula o fim do padrão, tendo como moeda de troca internacional apenas o dólar.

Perez tomou posse do cargo com a promessa de reestruturar a economia, porém as medidas tomadas para tanto foi um empréstimo de US\$ 4,5 bilhões do FMI e no bojo desse empréstimo o Estado devia tomar medidas liberalizantes como a desvalorização da moeda nacional, redução do gasto público e do crédito, liberação de preços, congelamento de salários e aumento dos preços de gêneros de primeira necessidade (MARINGONI, 2008). O resultado das medidas foram uma série de protestos pela capital do país, Caracas, fortemente reprimidas pelo Estado, que se denominará de Caracazo.

No dia 27 de fevereiro de 1989 começaram as manifestações, no início principalmente verbais, por vários bairros da capital do país. Em sua maioria jovens estudantes e movimentos sociais ocuparam as principais ruas da cidade e estancaram a comunicação, por meio de barricadas e cordões humanos. Os protestos que se iniciaram pela manhã, se tornaram violentos após a queima do primeiro ônibus, a polícia metropolitana que seguia o manifesto de perto começou a disparar contra a população. Por toda a cidade o protesto tomou proporções violentas, saques à comércios, depredação de patrimônio público e enfrentamento direto com a polícia (IDEM, 2008).

No dia seguinte Andrés Pérez convoca uma cadeia nacional por meio de rádio e televisão para anunciar o toque de recolher e a quebra dos direitos constitucionais. Foi o estopim para o aumento das repressões. No dia 1 de março ocorreu o mais violento enfrentamento, o exército saiu às ruas e disparava indiscriminadamente. No total o Caracazo teve uma duração de cinco dias e foram apuradas mais de 396 vítimas fatais, assim como milhares de feridos (IBIDEM, 2008).

O ano de 1989 acabou com uma inflação de 81% e uma redução do PIB de mais de 8%. Nos anos seguintes a taxa de desemprego atingiria 45% da população (VIZENTINI, 2003).

No entanto mesmo após o descontentamento da população, Pérez deu continuidade às reformas neoliberais. Eliminara as regulamentações bancárias, acabara com a maior parte do controle de preços, privatizara a companhia nacional de telefones de Venezuela (CANTV), o sistema de portos, uma companhia aérea e abriu os setores petrolíferos e outros setores estratégicos para o capital privado (MARINGONI, 2008).

O episódio do Caracazo é vastamente estudado por diversos historiadores como um dos episódios mais importantes da história contemporânea venezuelana. Margarita Lopez Maya (1999) estudará o caso como uma resistência à modernidade ocidental. De fato o Caracazo explicitara a situação política do país. O suposto modelo democrático singular mostrara-se como fortemente repressivo em face ao descontentamento público com sua forma

de Estado. O regime de *Puntofijo* toma um forte golpe e sofre com uma grande crise de legitimidade.

No entanto os aumentos no preço de petróleo em 1990, como causa da crise do golfo pérsico, o ataque ao Iraque e a crise no Kuwait, deram combustível à economia do país, recuperando o crescimento e contendo as frustrações populares por certo período. Contudo as medidas neoliberais junto ao crescimento do país geraram uma forte inflação e novos protestos surgiram em 1991, também reprimidos pelo Estado, ocasionando em 5 mortes. De acordo com Maringoni (2008) os efeitos da corrosão desse sistema terão indicativos em outro grande acontecimento na história do país, um crescente descontentamento por parte de setores das forças armadas que na noite de 3 para 4 de fevereiro de 1992 darão início a uma sublevação em diversas bases do país e tomarão a base aérea Francisco de Miranda, também chamada de *La Carlota* e cercam a *La Casona*, palácio presidencial. Hugo Rafael Chávez Frias um jovem tenente-coronel comandará o levante.

A tentativa de golpe contra Andrés Pérez durou apenas 12 horas, chegando a seu fim ao meio dia do dia 4 de fevereiro. Os oficiais sublevados não puderam conter um levante das forças leais ao governo, falhando em controlar postos estratégicos onde tais forças se reagruparam para o contragolpe. Além da falha estratégica os oficiais comandados por Chávez não puderam garantir o controle da comunicação do país, ficando a margem da sociedade não tiveram apoio de movimentos sociais, partidos ou agremiações de trabalhadores (MARINGONI, 2008).

Ao apresentar sua rendição Chávez conseguiu negociar um breve discurso em rede nacional:

*Primero que nada quiero dar buenos días a todo el pueblo de Venezuela, y este mensaje bolivariano va dirigido a los valientes soldados que se encuentran en el Regimiento de Paracaidistas de Aragua y en la Brigada Blindada de Valencia. Compañeros: Lamentablemente, por ahora, los objetivos que nos planteamos no fueron logrados en la ciudad capital. Es decir, nosotros, acá en Caracas, no logramos controlar el poder. Ustedes lo hicieron muy bien por allá, pero ya es tiempo de reflexionar y vendrán nuevas situaciones y el país tiene que enrumbarse definitivamente hacia un destino mejor. Así que oigan mi palabra. Oigan al comandante Chávez, quien les lanza este mensaje para que, por favor, reflexionen y depongan las armas porque ya, en verdad, los objetivos que nos hemos trazado a nivel nacional es imposible que los logremos. Compañeros: Oigan este mensaje solidario. Les agradezco su lealtad, les agradezco su valentía, su desprendimiento, y yo, ante el país y ante ustedes, asumo la responsabilidad de este movimiento militar bolivariano. Muchas gracias. (CHÁVEZ, 1992. Grifo nosso)*

Para Maringoni (2008) duas frases ficaram no imaginário popular àquela época, “*por*

*ahora*” e *“asumo la responsabilidad”*. Para o autor, Chávez, ao dizer que por enquanto não foi possível controlar o poder deixou uma expectativa de que um dia poderia. O resultado dessa frase se verifica em uma pesquisa de popularidade para o então desconhecido comandante Chávez de que 64% da população o considerava uma pessoa confiável para presidir o país. A outra frase que também ajudou nessa popularidade foi o fato de Chávez ter assumido a responsabilidade do ato, que de acordo com Jorge Giordani, anos depois ministro do planejamento, diria que ao assumir a responsabilidade se destacaria dos políticos da época, pois “o usual é que não se assumam responsabilidades”.

Hugo Chávez assim como todos oficiais que participaram da tentativa de golpe foram presos em duas cárceres, a de San Carlos em Caracas e em Yare na província de Miranda. Junto com eles foram apreendidos diversos documentos relacionados aos próximos passos após a tomada de poder. Maringoni (2008) afirma que ao se analisar esses documentos se encontram diversos dos pontos que seriam incorporados na constituição que Chávez aprovaria sete anos depois.

Os representantes da AD e COPEI logo após o golpe se reuniram para pautar uma atuação conjunta para reafirmação e reestruturação no pacto. Ainda que com pesadas críticas de Rafael Caldera, fundador da COPEI, contra o presidente Pérez da AD, o restante do partido reafirmara apoio à manutenção do pacto (MAYA, 1999).

Já em novembro no dia 27 outro levante teve lugar no país, agora orquestrada por oficiais da aviação. Muitos dos oficiais aí presentes mais tarde irão se aliar à Chávez no governo. De fato Maringoni (2008) afirma que esse levante foi uma continuação do de fevereiro. No mesmo ano diversos protestos ocorreram na capital, além de greves de alunos e professores por melhorias na educação.

O governo de Andrés Pérez estava fortemente debilitado, após passar pelo Caracazo, dois levantes militares, além de diversos protestos e greves, o presidente já não encontrava mais legitimidade para governar, a não ser dentro do próprio pacto. Se não bastasse, o jornalista José Vicente Rangel denunciou desvio de verbas públicas e má gestão do então presidente. O procurador-geral da república dá início ao processo e condena Andrés Pérez a mais de dois anos de prisão (MAYA, 1999). Com o resultado do processo a corte esperava haver grandes comemorações pelas ruas de Caracas, fato que não ocorreu, de acordo com Maringoni (2008) o descrédito de todas as instituições do Estado era tanta que a condenação do presidente não era suficiente, era necessário um maior aprofundamento nas mudanças políticas do país.

As eleições de 1993 trouxe também uma mudança, pela primeira vez um presidente

eleito não fazia parte da base *puntofijista*, ainda que Rafael Caldera houvera sido o fundador da COPEI. No entanto havia quebrado com o partido e fundado uma agremiação formada por integrantes do MAS, Partido Comunista e URD. Em Março de 1994 já empossado, Caldera anistia os responsáveis pelo golpe, entre eles se encontrava Hugo Chávez, Gruber Odreman e Árias Cárdenas (IDEM, 2008).

A situação econômica no país continuava preocupante, logo nos primeiros meses de governo, Caldera interveio em 13 bancos, salvando-os da bancarrota e assim prevenindo uma quebra do sistema financeiro. A má situação econômica afugentou os capitais, aprofundando ainda mais a crise. Em 1996 o FMI concedeu um empréstimo de US\$ 7 bilhões à Venezuela, o que significava mais ajustes internos. De fato o novo governo estava dando continuidade às políticas neoliberais de Andrés Pérez (MAYA, 1996).

O sistema partidário já não era mais visto como confiável pela população. É nesse sentido que novos partidos começam a surgir, dentre eles o Movimento Quinta República (MVR). Os oficiais que haviam perpetuado o golpe em 1992, agora livres, ficaram conhecidos como o Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR-200), esses conformaram em 1996 o MVR e entraram para as disputas eleitorais. No início, Chávez foi categoricamente contra a participação do movimento em instituições do Estado, pois temia pelo descrédito desse sistema dado pela população e não considerava prudente a conformação com uma coligação de partidos que em seu ver não eram confiáveis. No entanto essa situação se modifica e Chávez passa a enxergar nesse partido um meio democrático para ascensão ao poder e daí fazer as reformas necessárias em todo o sistema estatal (KORNBLITH, 1993).

Em 1998 ocorreram as eleições presidenciais que elegeram Chávez, seu partido recém criado o MVR não tinha ligações estreitas com o velho sistema partidário, o que acabou por favorecer seu pleito. Essas eleições demonstraram as falências dos partidos tradicionais, COPEI e AD, ambos partidos apoiaram candidatos distintos, quebrando assim o pacto de 40 anos atrás. Seus candidatos não somariam nem 10% dos votos, algo inédito, o partido conservador Projeto Venezuela foi o segundo na quantidade de votos, representando cerca de 39%. As constantes mudanças de posições e cisões nos partidos tradicionais acarretaram em uma confusão para o eleitorado, projetando para a imagem de Chávez o único com uma coerência política, o resultado foi uma vitória com 56% do eleitorado (MARINGONI, 2008).

A vontade de reforma política no país fora sacramentada nessas eleições. A figura de Chávez se tornara representativa das mudanças conclamadas pela população. O próprio nome do partido MVR trazia um significado de mudanças profundas. Segundo Chávez a Venezuela havia passado por quatro distintas repúblicas, a primeira logo após a independência em 1811;

a segunda república acontecera dois anos após a primeira como resultado de um jogo político; a terceira em 1819 se deu quando Bolívar tentou formar a Grande Colômbia e a quarta ocorreu em 1830, fundada por José Antonio Páez, que vigorava até então. Portanto o nome embutia uma característica de profunda mudança, ou seja, a fundação de um quinta república (VILLA, 2005).

O compromisso com essa mudança se representaria já na posse presidencial no dia 2 de fevereiro de 1999. Conforme o protocolo oficial o novo presidente deveria jurar sob a constituição do país e Chávez proclamou:

*Juro delante de Dios, juro delante de la Patria, juro delante de mi Pueblo, que, sobre esta moribunda Constitución, haré cumplir, impulsaré las transformaciones democráticas necesarias, para que la República nueva tenga una Carta Magna adecuada a los nuevos tiempos.* (CHÁVEZ, 1999)

O presidente já evidenciava em sua posse que transformaria profundamente as instituições do Estado ao chamar a constituição de 1961 de moribunda, ou seja, dava a entender que uma nova constituição seria posta em vigência para poder fazer as mudanças necessárias. A solenidade ainda teve a afirmação de um plebiscito para convocação de uma assembleia constituinte. O plebiscito foi convocado de forma rápida, de modo a evitar qualquer decisão desfavorável do legislativo. No dia 25 de Abril do mesmo ano (1999) o plebiscito teve resultado favorável e uma assembleia constituinte seria convocada por meios eleitorais. No dia 25 de Julho o povo elegeu seus constituintes, com ampla maioria da base governista formada pelo MVR, MAS e Pátria para Todos (PPT) (MARINGONI, 2008).

A nova constituição foi aprovada por meio de referendo popular no dia 15 de Dezembro com aprovação de 71%. O sociólogo Edgardo Lander (2002) afirma que a nova constituição pela primeira vez na história do país reconhecia os direitos dos indígenas, outorgando-lhes todos direitos civis. Amplia-se os direitos sociais, reforma-se o poder jurídico e implementa-se o Poder Cidadão, com a criação da Defensoria do Povo. Além disso amplia-se as formas de participação popular nas decisões políticas, conformando assim uma democracia de caráter popular e participativa.

Nesse sentido novas eleições foram convocadas no ano 2000 para concretizar a nova constituição e fundar por vez a quinta República, agora chamada de República Bolivariana da Venezuela. Colhendo de bons resultados, Chávez foi eleito com 57% dos votos, obtendo também uma importante vitória no legislativo (LANDER, 2002).



No marco econômico a situação era alarmante, a fuga de divisas continuava, agora ainda mais por conta de um governo mais à esquerda e de viés nacionalista, o PIB continuava caindo e o preço do barril de petróleo continuava baixando. Chávez pela primeira vez em mais de 25 anos convocou a segunda Cúpula de Chefes de Estado e de Governo dos países membros da OPEP. Nessa cúpula o Presidente venezuelano propôs a elevação do preço do barril, entre US\$ 22 e US\$ 28, uma diferença de cerca de 20 dólares por barril (MARINGONI, 2008).

Outras mudanças no campo jurídico e econômico foram as criações de leis sobre terras, hidrocarbonetos, de cooperativas, de pesca, de portos, entre outros. Sem dúvida as leis que mais desfavoreciam as elites do país eram as de terras, hidrocarbonetos e de pesca. A reforma agrária prevista pelo novo código era extensa e chocava diretamente com os interesses das elites e norte-americanos no país. Em 2001 uma associação entre a Federação Nacional de Associações Pesqueiras (Fena-pesca) e a Federação Nacional de Câmaras e Associações de Comércio e Produção da Venezuela (Fedecâmaras) chamaram uma greve geral de industriais e comerciantes, considerada pelas associações como uma vitória do povo venezuelano, foi tratado como pouco relevante para o governo, pois como afirmaram houve pouca adesão, com somente alguns movimentos em Caracas e sem nenhuma adesão no interior do país (IDEM, 2008).

O golpe de Estado em 2002 como veremos abaixo será um ponto de alternância no aparelho do Estado. Chávez emerge após o golpe com uma grande popularidade. Não obstante o país ainda deveria lidar com uma forte crise econômica, principalmente no ano de 2002 e 2003. Segundo Maringoni (2008) o bolívar se desvalorizara em 25% em 2003. Com uma fuga de capitais de mais de US\$ 7 bilhões. Chávez inicia diversos planos emergenciais para conter os resultados da crise, como o plano de controle de câmbios e de preços.

Ainda de acordo com Maringoni (2008) a crise foi resultado de uma economia fortemente baseada na exportação de um produto primário, o petróleo. De fato, nos anos de 2002 e 2003 o produto sofrerá uma forte queda de preços, acompanhando a queda geral nos preços das *comodities*. Porém, em 2004 o petróleo volta a subir, principalmente relacionado ao crescimento substancial da China no cenário econômico mundial. O resultado do grande consumo de energia chinês foi o aumento do preço do barril que em 2003 era de 24 dólares agora em 2004 chegava a US\$ 36 e a US\$ 60 no ano seguinte. O aumento será vertiginoso durante os anos seguintes e chegará a US\$ 130 em 2008.

Segundo uma economista brasileira, Denise Lobato Gentil (2008), a Venezuela é um

grande exemplo da “Doença Holandesa”<sup>13</sup>. Sua economia é fortemente vinculada a um produto muito volátil no mercado internacional, a consequência é a dependência do produto e uma consequente crise política com as crises econômicas. Para sair dessa situação a Venezuela deveria diversificar sua economia e deixar de depender tanto de um só produto. A economista vê nesses anos de aumento no preço do petróleo uma chance para que o governo passe a investir, com as divisas oriundas do petróleo, em políticas fiscais favoráveis ao capital nacional.

Chávez no entanto, se encontra diante de um cenário internacional favorável regionalmente. A ascensão, nesses anos de diversos líderes considerados progressistas, como Lula no Brasil, Kirchner na Argentina, Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador garantiram uma aproximação estratégica no campo econômico e político. A chamada diplomacia do petróleo levada a cabo por Chávez consiste em uma série de projetos regionais. O mandatário propôs a criação de uma  *Holding* denominada de Petrosur que pretendia integrar o setor energético de Venezuela e Argentina. Além disso o projeto teria uma parceria com a Petrobrás, empresa estatal brasileira de petróleo (MARINGONI, 2008).

No plano político a aproximação de Chávez com Evo e Rafael Correa fortaleceram a imagem do mandatário no continente. Essa aproximação tem como um de seus resultados a criação do Banco do Sul em 2007, assinado também com representantes da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. A diplomacia do petróleo não se verifica somente em acordos econômicos, o governo passou a financiar por toda a América Latina grupos como uma escola de samba no Brasil, cirurgias de cataratas à pessoas de baixa renda no México. De fato Chávez, desde que entrou no poder em 1999 tem gasto aproximadamente US\$ 3.6 bilhões por ano em financiamentos do tipo (IDEM, 2008).

No entanto a contraparte dessas aproximações fica por conta de tensões com o governo de Álvaro Uribe da Colômbia, principal aliado da casa branca na região. As tensões são principalmente por conta de Uribe constantemente acusar Chávez de proteger em seu território integrantes das FARC que fogem de perseguições coordenadas com o governo norte-americano. De fato, Washington irá responsabilizar Chávez por uma escalada armamentista na região desses grupos narco-guerrilheiros. As tensões irão aumentar ainda mais quando em 2005 Chávez anunciou a modernização das forças armadas. O

---

<sup>13</sup> Em economia, doença holandesa (do inglês *Dutch disease*) refere-se à relação entre a exportação de recursos naturais e o declínio do setor manufatureiro. A abundância de recursos naturais gera vantagens comparativas para o país que os possui, levando-o a se especializar na produção desses bens e a não se industrializar ou mesmo a se desindustrializar - o que, a longo prazo, inibe o processo de desenvolvimento econômico.

relacionamento já tenso entre os dois países se tornará ainda pior quando o mandatário venezuelano escolhe se aproximar de outros fornecedores armamentistas, colocando de lado acordos históricos entre os dois países (IBIDEM, 2008).

As medidas trazidas por Chávez foram substanciais para a nova organização política do país. Em um primeiro momento, com a constituição de 1999, se quebra com uma força inerente dentro do velho sistema político puntofijista. Como vimos no modelo de Cox, as forças institucionais são amalgamas das forças materiais e ideais, ou seja, a perpetuação de uma força material da AD e COPEI e principalmente da força ideal representavam a vitalidade do pacto, tanto que quando esses partidos já não foram mais capazes de mantê-los a população a rechaçou.

As transformações na forma de Estado não foram as únicas trazidas pelo novo governo. Uma aproximação histórica entre Venezuela e Estados Unidos fora quebrada. Na configuração da ordem mundial o presidente venezuelano dá preferência a um diálogo sul-sul. As aproximações com países da América do Sul são taxativos dessa mudança, além de aproximação econômica com a China e bélica com a Rússia.

Como vimos também no capítulo 1, a contestação da força ideal pode dar lugar a uma nova estrutura política. A chegada de Chávez ao poder demonstra essa cisão. A transformação das forças materiais, ideais e institucionais não são por si só representativas, pois são as forças sociais associadas à Chávez e o MVR que trazem esse novo panorama, como veremos a seguir.

## 2.2. FORÇAS SOCIAIS: DA AD E COPEI AO MVR

Para entendermos melhor o panorama em que se inicia o forte intervencionismo norte-americano no país necessitamos entender primeiro como se posicionam os diversos setores da sociedade, como o surgimento de Chávez no cenário político e seus aliados, as forças opositoras e seus envolvimento com forças externas do país.

O surgimento do fenômeno Chávez está estritamente ligada à história da esquerda venezuelana, sua ideologia bolivariana, de promoção do socialismo do século XX, surge dentro de um contexto de agitação nos quartéis da época, resultado do descontentamento político de dezenas de anos. Segundo Maringoni (2008) um dos nomes de maior força quando falamos de esquerda latino-americana é o de Douglas Bravo, dirigente do comitê central do PCV. Bravo tem uma larga carreira dentro do partido comunista e chegou a ser chamado de

“Fidel venezuelano”, comparando-o com o mandatário cubano.

Em 1957 Bravo juntamente com Teodoro Petkoff e Eloy Torres, outros nomes importantes na esquerda do país, criaram as diretrizes para a frente militar de carreira do PCV. O projeto visava recrutar uma frente revolucionária desde os quartéis, para um futuro levante cívico-militar, que já havia sido feito anteriormente tanto na Venezuela como em outros países da América Latina, Bravo chega a citar o caso de Carlos Prestes no Brasil, que havia comandado um levante revolucionário a partir de oficiais de baixa patente (MARINGONI, 2008).

A agitação e o projeto revolucionário de Bravo terá também forte influência da revolução Cubana em 1959. Seu triunfo trará a possibilidade real da revolução no continente. Entretanto não podemos esquecer que em 1958 a ditadura de Perez Jimenez chega a seu fim com o pacto de *Punto Fijo* e como vimos isso significou, ainda que um profundo avanço para o PCV com o fim de sua clandestinidade, uma marginalização de partidos menores. Também é necessário lembrar que essa época, de 60 e 70, foi o auge da indústria petroleira no país, resultando em um forte período de crescimento econômico e de melhorias na vida da população. Com isso o projeto revolucionário do PCV não tinha grande adesão popular, nem mesmo por parte de movimentos operários, que se beneficiavam com o *boom* petroleiro, e de movimentos estudantis. A popularidade da AD e COPEI se fazia expressiva (IDEM, 2008).

Quem aprofundou a marginalização da esquerda no país foi Romulo Betancourt, um dos líderes Adeistas e importante nome da direita no país. A quebra com as relações diplomáticas com Cuba significou um abafó para o próprio movimento revolucionário. Em contrapartida o governo se aproximou dos Estados Unidos, trazendo maior ingresso de divisas através do petróleo. Betancourt deu início também a formação de uma burguesia nacional, muito incipiente na década de 1960 (IBIDEM, 2008).

No entanto o início da década de 1960 ainda não teria essa grande pujança econômica, a dívida externa deixada pela ditadura deixaria o país em forte recessão. O descontentamento no início desses anos causou uma forte quebra entre a esquerda, Bravo chegou a declarar que nessa época havia uma evidente abertura propiciando uma revolução, no entanto não havia consenso suficiente entre a esquerda para tanto. Em 1961 uma cisão de dentro da AD criou a Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR), aumentando ainda mais a tensão (KORNBLITH, 1993).

Ainda em 1961 ocorre o terceiro congresso do partido comunista, de lá definem os caminhos a serem tomados, voltando-se para o apoio da luta armada guerrilheira nos moldes cubanos, enquanto que nas cidades continuariam com recrutamentos e propaganda. É criada

também as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN) (MARINGONI, 2008).

A guerrilha será fortemente reprimida pelo governo, a partir do apoio de inteligência do governo norte-americano que já tinha experiência com o método em Cuba. Aliás, ao mesmo momento também ocorria na Colômbia movimentos parecidos com o surgimento das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Os enfrentamentos em pequenas cidades do interior terão pouco resultado, o exército bombardeará fortemente as regiões sublevadas, o que retiraria o apoio popular para a causa revolucionária. Nos quartéis a notícia de que suboficiais estavam envolvidos na guerrilha resultam em uma verdadeira “caça às bruxas” (IDEM, 2008).

De fato a esquerda venezuelana sofre diversos golpes, enfraquecendo a luta, em 1967 o PCV decide por interromper a via armada e partir para as eleições daquele ano. Bravo, quebra com seu partido e funda o Partido da Revolução Venezuelana (PRV) que continuaria nas montanhas com a guerrilha, porém clandestino. Em 1969 Rafael Caldera (1969-1974) decide retirar os partidos comunistas e revolucionários da clandestinidade, causando, conforme esperado, a quebra interna nos partidos, enfraquecendo-os ainda mais (KORNBLITH, 1993).

José Vicente Rangel e Teodoro Petkoff, dissidentes do PCV, fundarão o Movimento ao Socialismo (MAS), partido mais comedido. Outro partido que surge será o La Causa Radical (La causa R ou LCR) fundada por um ex-líder guerrilheiro Alfredo Maneiro. Um dos líderes do PRV, agora na legalidade, era Adán Chávez, irmão de Hugo Chávez, que o apresentaria à cúpula do partido no início da década de 80. No entanto Chávez ficaria mais simpático a La Causa R por seu envolvimento popular, que não havia no PRV. Contudo é em 1982 que se começa a traçar as pautas do MBR-200, juntamente com outros dois oficiais, Chávez toma o discurso de Simon Bolívar e de sua luta pela libertação da América Latina dos Europeus. Segundo Chávez as amarras do colonialismo continuavam, tornando o país profundamente dependente do imperialismo europeu e agora nesse século do imperialismo norte-americano (MARINGONI, 2008).

Contudo, conforme vimos no ponto anterior é em 1998 que se dará a eleição de Chávez para presidente pela coligação Polo Patriótico, formada pelos partidos MVR, La Causa R e PPT. Essa aliança terá suas raízes nos primeiros encontros com os partidos de esquerda na década de 80, além é claro de outros oficiais do exército revolucionário. O Polo Patriótico será formado, nesse sentido, de muitos políticos e oficiais que de certo modo nunca estiveram na cúpula do Estado, o próprio Chávez será considerado um *outsider* na política.

Os grupos empresariais, no entanto, representados pela Fedecámaras, estavam

exaltados com o governo, as novas leis promulgadas por Chávez desfavoreciam os grandes empresários e donos de terras. As tensões entre esse grupo e o governo estava estampado na mídia do país. Uma extensa propaganda contra o governo, financiada pela elite do país, mostrava esse descontentamento. Segundo Maringoni (2008) já não era necessário ser apoiador de Chávez para perceber que a mídia havia jogado a parcialidade “ao vento”. A contraposição de Chávez na mídia eram os canais estatais que por meio do programa Alô Presidente se dirigia a nação para rebater as denúncias das redes privadas.

Segundo Maringoni (2008) no início de 2002 a tensão chega a seu auge, quando a Fedecámaras decide por uma nova greve, dessa vez com um estancamento total da PDVSA. Como havíamos visto acima a companhia ainda que estatal, era controlada pela elite empresarial do país juntamente com o apoio das empresas filiadas, como a Shell e Chevron. Chávez nomeara Ali Rodríguez para o cargo de presidente da empresa, porém a alta burocracia corporativa e os instrumentos legais próprios da PDVSA tornaram difícil seu controle. O resultado dessa situação será a demissão de vários encarregados da diretoria, nomes como Juan Fernández, Eddie Ramirez, entre outros serão sumariamente retirados da estatal. O fato ocorreu no dia 7 de Abril de 2002, seu desdobramento será o golpe de Estado quatro dias depois que veremos no seguinte ponto.

### 2.2.1. O Golpe de Abril de 2002 e seus Desdobramentos

Como vimos acima a conjuntura política na Venezuela estava em ebulição. As forças políticas tradicionais acostumadas a controlar os aparelhos estatais agora se encontravam a margem do sistema. Nos primeiros anos do governo de Chávez essas forças sociais estavam não somente descontentes com o novo governo mas, por já não terem o mesmo prestígio, se viam em um situação em que um golpe de Estado se tornara a possibilidade mais rápida para retornarem ao poder. Diversos desses setores sociais mais tradicionais participam do golpe.

Nesse sentido a Fedecámaras é um desses setores que estará ligado, por meio de sua cúpula dirigente, diretamente ao golpe de 11 de Abril. O diretor da federação, Pedro Carmona, será proclamado presidente logo após a tomada do poder. A base de apoio de Carmona será não somente os dirigentes da Fedecámaras mas também dirigentes da própria AD e assim como os principais representantes da CTV, cujo principal nome de liderança é Carlos Ortega que esteve historicamente ligado aos interesses das elites do país. Outra importante organização venezuelana e que terá papel fundamental durante o golpe será a Rádio Caracas

de Televisão (RCTV), assim como Venevisión, Globovisión e Televen, todas associadas à CNN internacional, rede de televisão norte-americana (MARINGONI, 2008).

Imediatamente após o golpe Carmona dissolve a Asamblea Nacional (parlamento), o supremo tribunal federal, o conselho nacional eleitoral de todos governadores, prefeitos e vereadores, ainda destitui a controladoria, o procurador geral, o provedor de justiça e todos os embaixadores, cônsules vice-cônsules. O novo presidente também anulou a nova constituição, voltando à de 1961, assim como anulou todas as leis e atos presidenciais postos em prática por Chávez. De fato, Carmona estava desfazendo tudo o que Chávez havia feito, desmontando o aparelho estatal e voltando àquele do pacto de *Punto Fijo* (IDEM, 2008).

No mesmo dia, quando a população tomou conhecimento do golpe, protestos irromperam por toda Caracas. Os protestos já eram esperados pelos golpistas que já haviam tomado os procedimentos para evitar que esse tomasse proporções maiores (IBIDEM, 2008).

Ao mesmo tempo a RCTV noticiava o golpe para todo o país e fornecia as gravações para a imprensa internacional. Não obstante o papel que essa terá no golpe será essencial, pois a manipulação das imagens do enfrentamento das forças opositoras com as governistas tendiam a mostrar as forças chavistas como fortemente repressivas e violenta. No documentário “A Revolução não será Televisionada” de 2003 os diretores Kim Bartley e Donnacha O’Brian demonstram que as imagens fornecidas pela rede venezuelana manipulava fortemente os fatos em favor da oposição. Um dos exemplos foi a manipulação do vídeo onde supostamente forças chavistas atiravam contra a manifestação em apoio ao golpe, quando de fato ocorreram de forma inversa.

Segundo Maringoni (2008) Pedro Carmona que no dia 11 havia tomado a presidência vai se reunir com Isaac Perez Recao, comerciante de armas que vive em Miami e sócio da empresa petroquímica Venoco. Após a reunião o empresário dá uma coletiva de imprensa e declara que havia sido designado para presidir o país. De acordo com o autor havia ocorrido um golpe dentro do golpe. Porém, o procurador geral da república decidiu convocar uma cadeia nacional em todas as redes de televisão e rádio e afirmou que não havia evidências de uma renúncia de Chávez e que se houvera então era necessário que o vice presidente tomasse o poder. Declarou ainda mais enfático, que os responsáveis por esse movimento declarassem a público que isso se tratava de um golpe e não de uma vacância no poder.

De acordo com Maringoni (2008), os principais nomes que apareceram publicamente junto a Carmona representavam diversas empresas nacionais e internacionais, além de Charles Shapiro, que havia a alguns meses atrás tomado posse da embaixada dos Estados Unidos em Caracas. De fato no mesmo dia do golpe o governo norte-americano rapidamente reconheceu

o governo de Carmona e o FMI liberou vultuosos empréstimos ao país, afirmando que a crise econômica fora causada por Chávez.

O golpe se dissolve na tarde do dia 13 e durará apenas 47 horas. Forças governistas ainda leais ao mandatário irão se reunir para planificar o contragolpe. Dentre eles a guarda presidencial que independente da conjuntura política deveria servir ao presidente retomou o palácio de miraflores. Pedro Carmona é preso junto a diversos aliados próximos. Chávez que havia sido levado para o forte Tiúna foi resgatado e restituído ao poder.

Eva Golinger trabalhará em seu livro intitulado “O Código Chávez” (2005) as ligações de diversos organismos de Estado norte-americano com a oposição venezuelana. Organismos e instituições financiadas pelo congresso terão também papel fundamental nesse jogo político. Instituições como a Agência para o Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos (USAID), a *National Endowment for Democracy* (NED), o Instituto Republicano Internacional (IRI), entre outros, somente para citar os mais ativos. Em diversos casos a presença dessas agências aumentou substancialmente em conjunturas de tensões políticas e que acabariam em golpes. Segundo a autora há documentos que mostrariam fundos da USAID sendo utilizado para financiar forças opositoristas já na década de 60, como no caso brasileiro com o presidente deposto João Goulart. O esquema utilizado seria por uma rede de repasses de verbas complexa que ultimamente não traria à luz agências como a *Central Intelligence Agency* (CIA).

A autora fará uma pesquisa extensa nessas agências em suas ligações com o departamento de Estado norte-americano e seu financiamento das forças opositoras a Chávez. De fato, segundo a autora, o orçamento dessas agências sextuplicou de 2000 para 2001. O seu funcionamento teria a premissa de promoção da democracia e do livre mercado por meio de *Workshops* em associação com os principais meios considerados promotores da democracia do país onde se instala, seria explícito disso o caso brasileiro citado acima.

A presença dessas agências nos países da América Latina não é uma novidade e fazem parte de um aparelho de promoção ideológica norte-americana. Suas primeiras ações ocorreram já no final da década de 60 e teve forte presença no continente durante toda a Guerra Fria. Segundo Golinger (2005) esses órgãos tiveram papel preponderante em outros golpes de Estados como no Chile e Nicarágua e nas manipulações eleitorais no Panamá. Hoje em dia com a política de desclassificação de documentos por parte dos EUA, quando esses atingem mais de 30 anos, é possível trabalhar mais a fundo sua participação nesses golpes, principalmente no do Chile.

Como vimos acima Peter Kornbluh usará esses documentos desclassificados para



estudar o caso chileno e percebe um forte financiamento da oposição à Allende por meio dessas agências. De acordo com Golinger (2005) esses organismos, por um lado financiam as forças opositoras que perpetuam o golpe e por outro tem seu orçamento financiado pelo Congresso dos EUA, por meio de uma rede de Lobbies de empresas que tem seus interesses prejudicados no país em questão. Como vimos empresas essas que se encontravam na cúpula diretora da PDVSA já a dezenas de anos, como a Shell e a Chevron.

No entanto os interesses norte-americanos na Venezuela ficarão mais claros quando na cerimônia de posse de Chávez, Clinton envia seu secretário geral de Energia, William Richardson, como representante da delegação dos EUA. Segundo Gollinger (2005) esse foi o principal sinal que Clinton queria passar à Chávez, de que seus interesses com relação ao petróleo continuassem sem problemas. No entanto a posição de Chávez frente à OPEP se tornou emblema de que não iria cooperar com interesses norte-americanos. As medidas do presidente elevaram abruptamente o preço do barril, o que deteriorou as relações diplomáticas entre os dois países. Já em 2000 o governo norte-americano nomeou outra embaixadora no país, Donna Hrinak, que já havia atuado no México, Colômbia, Brasil, entre outros. A embaixadora continuará no cargo até duas semanas antes do golpe em 2002.

Em 2001 um importante meio de aproximação entre as forças armadas dos dois países foi cortada. Chávez decidiu não renovar o acordo de cooperação militar com os EUA e pediu que se retirassem completamente do forte Tiuna onde se encontravam guarnecidos. Dentre os principais oficiais em comunicação com o exército norte-americano estavam, Raúl Salazar Rodriguez e Néstor González González. Ambos treinados pelo Programa Internacional de Educação e Treinamento Militar (IMET), agência de cooperação norte-americana, e terão papel chave no golpe (MARINGONI, 2008).

As tensões no país se intensificaram passado o fracasso do golpe, empresas chave para o funcionamento econômico do país farão o “*paro*” de Julho de 2002. A PDVSA, juntamente com os bancos irão parar o país por vários dias e se alastrará com um funcionamento mínimo por todo o ano. A intenção das forças opositoras era minar a imagem do mandatário, porém, Chávez saberá utilizar muito bem o discurso para reverter a situação. O presidente consegue demonstrar a responsabilidade dessas forças opositoras na crise econômica. Minado de credibilidade a oposição resolve pelo fim da greve e volta às atividades usuais (IDEM, 2008).

O resultado político para Chávez foi que com credibilidade, poderia isolar os opositoras de cargos essenciais na PDVSA. A desestruturação da oposição será sentido por todo o país, as forças políticas tradicionais no alto comando dos partidos como COPEI e

AD perderão total apoio político. Desse novo meio surgem novas lideranças políticas, ainda ligadas a esses partidos. Forças essas que já haviam se articulado desde o início dos anos 2000, como Leopoldo López, um jovem político de família tradicional na Venezuela. Segundo sua página na internet<sup>14</sup> ele descende de Cristóbal Mendoza, o primeiro presidente do país. Além disso sua mãe foi primeira secretária durante o primeiro governo de Rômulo Betancourt da AD. López, conforme consta em seu *website* é descendente direto de Simon Bolívar, o libertador da pátria.

Leopoldo López vai fundar em 2000 um novo partido, denominado de *Primero Justicia*, conjuntamente com Henrique Capriles (ex-COPEI) e Julio Borges, um advogado de carreira e apresentador de um programa televisivo na rede RCTV. Os três líderes serão os principais nomes em oposição a Chávez no pós-golpe, devido ao desgaste da imagem pública dos políticos mais tradicionais. Não obstante, os três sofrerão fortes sanções após o golpe, por terem participado direta ou indiretamente. López chegará a ficar 6 anos sem poder se candidatar a nenhum cargo político.

### 2.3. ESTRUTURAS HISTÓRICAS: O MODELO DE ROBERT COX NA ANÁLISE DA VENEZUELA

Como visto acima a reestruturação na forma de Estado do governo Chávez evidencia os principais pontos aclarados no primeiro capítulo, seja dos níveis de atuação como das próprias forças que interagem nesse meio.

Nesse sentido, uma das mudanças mais profundas nas forças foi a das instituições, pois com uma nova constituinte na vigência foi possível reestruturar a atuação dos ministérios e outros órgãos governamentais, fundadas no pacto de *punto fijo* como instrumento de manutenção do próprio. A criação da defensoria do povo é exemplar dessas mudanças, pois se configura aí uma nova instituição que prevê a reestruturação da organização no complexo Estado/Sociedade Civil. O modo como essa se organiza em torno ao Estado no governo Chávez é fruto da reinterpretação da democracia, essa calcada nos princípios participativos. Não obstante ao se assegurar o direito à soberania dos povos e do reconhecimento dos indígenas no processo político abre-se a porta para uma força social antes às margens do governo.

---

<sup>14</sup> <http://www.leopoldolopez.com/>

Outra instituição a se reestruturar foi a própria PDVSA. Como havíamos visto acima, durante o regime *puntofijista* essa empresa havia se tornado um Estado dentro do Estado, tinha uma força própria e independente e é onde agiam as Sete Irmãs. Chávez ao destituir os principais nomes da diretoria da empresa logrou tomar o controle de volta ao Estado. As políticas de aumento no preço do barril de petróleo refletem essa medida, pois a diretoria da empresa, fortemente relacionada às Sete Irmãs não tomariam medidas desfavoráveis a elas.

No entanto, essas renovações nas instituições não seriam possíveis sem a ascensão de uma nova força social, a do MVR, e com eles um novo paradigma de ideias. As forças ideais como vimos é uma das que formam o amálgama das forças institucionais, juntamente com as forças materiais. Trazendo esses conceitos para a realidade as forças ideais são aquelas trazidas pelo movimento socialista Bolivariano de Chávez. Um governo baseado fortemente no pensamento de Bolívar, contra o colonialismo, a ingerência estrangeira (um conceito reformulado para os dias atuais), além de dar um papel fundamental aos trabalhadores, sejam esses da cidade ou do campo. Ainda dentro de suas bandeiras o MVR prega uma democracia baseada na participação efetiva da população (seu resultado direto como visto acima) e um integração baseada na reciprocidade e comunidade.

As diferenças na ideologia e capacidades materiais transformaram profundamente as instituições do governo venezuelano. Como resultado o complexo Estado/Sociedade Civil ou forma de Estado também terão grandes mudanças, porém essas forças não se restringem somente a esse nível de atuação. As forças sociais obviamente se transformarão, todo o conjunto de classes que antes se encontravam no poder agora se via a margem dos principais meios de poder no país. Principalmente AD e COPEI, juntamente com os interesses que representavam, do capital internacional, se encontravam agora na oposição, seus ideais de classe já não se espelhavam no Estado. O controle das terras, com a reforma agrária mudou as capacidades materiais da classe oligárquica, da mesma forma que a lei de pescas transformou as capacidades materiais de uma classe burguesa que controlava todo o mercado de pescas, não obstante a mudança nas capacidades materiais mais profundas se deu com o petróleo. As forças que controlavam a PDVSA foram afastadas, nesse sentido temos uma força essencial a ser entendida, a das sete irmãs que controlavam uma das maiores fontes de petróleo de alta qualidade do mundo.

As forças sociais que controlavam o Estado até então podem ser interpretadas na teoria de Cox como essa classe dominante que por meio do controle político conseguem fazer valer um conjunto de valores representantes de si mesmas. Essa burguesia petroleira era a classe, que por meio de um complexo aparato político, o pacto de *Punto Fijo*, além de uma condução

exitosa do Estado nos anos 1960 e 1970, conseguiram manter sua hegemonia.

No entanto o surgimento de Chávez e a decadência da estima política dos setores tradicionais formam o que podemos chamar de Contra Hegemonia. De fato os anos 1990 conformam a quebra do consenso em volta aos valores dessa classe, na interpretação de Cox se não há mais consenso também não há mais hegemonia e dessa forma há na Venezuela a ascensão de um novo consenso, dessa vez em torno de Chávez e do MVR.

Entretanto o petróleo continua sendo, para a Venezuela, a maior fonte de entrada de divisas e a principal capacidade material do Estado. A aproximação com países do sul, principalmente da América do Sul, é resultado de uma pauta em política externa que tende a não dependência do norte. Ainda que os Estados Unidos figurem como um dos maiores compradores de petróleo do país. Não obstante há uma nova reconfiguração de forças a partir da década de 2000 no mundo, alguns autores denominarão de uma nova ordem mundial, com o desgaste da imagem política norte-americana e a multipolarização do mundo. Novos blocos de poder se configuram no sistema internacional, como a China.

Porém a atuação de agências norte-americanas como a USAID e a NED ainda terão forte presença e alcance no continente sul americano. No caso da NED seu funcionamento se baseia na promoção da Democracia e do livre mercado, porém há de se pensar o molde ideológico dessas promoções, pois a democracia pensada por eles é de um tipo representativo como acontece nos EUA. O livre mercado não poderia ser mais claro com sua ideologia, o do neoliberalismo.

A atuação dos EUA por meio dessas agências é, conforme a conceituação de Cox, a da perpetuação hegemônica. Não obstante as forças opositoras, antiga hegemonia no país, serão fortes promotoras dos interesses dessa perpetuação norte-americana.

Veremos no próximo capítulo como essas forças hegemônicas se engendram no interior do Estado venezuelano e em que medida representa os interesses norte-americanos para o país, nesse sentido analisaremos os documentos do *Wikileaks* como principal fonte dessa hipótese.

### 3. **CABLEGATE: DESCLASSIFICANDO A ESTRATÉGIA NORTE-AMERICANA PARA DESESTABILIZAR CHÁVEZ**

Como vimos no capítulo anterior as forças sociais que se constituem no pacto de *Punto Fijo* serão as principais forças opositoras do governo, que aliás perpetraram o golpe em 2002. No entanto nossa tarefa nesse capítulo é demonstrar através de documentos vazados ao *Wikileaks*, em um episódio que se denominou *Cablegate*, como ocorrem as ligações dessa oposição com o governo norte-americano e dessa forma entender sua estratégia para desestabilizar Chávez.

Porém na primeira parte abriremos para uma breve explicação do Website *Wikileaks*, contextualizando-o dentro do panorama político e global contemporâneo. É imprescindível conhecer a formação do *website* e seus objetivos com a desclassificação desses documentos, assim como entender o papel notável para pesquisas do tipo que nos propomos aqui. Trabalharemos essa primeira parte através de um prisma teórico da comunicação, principalmente com as recentes publicações de Manuel Castells, um sociólogo espanhol que tem trabalhado com conceitos como a “Galáxia da Internet” e a “Sociedade em Rede”. Tal aporte teórico nos propiciará entender o papel que joga a internet no atual campo comunicativo de massas, pois como veremos há um forte rechaço da academia para esse meio e ainda pouca utilização acadêmica de instrumentos como o *Wikileaks*.

#### 3.1. **WIKILEAKS: UMA NOVA FONTE PARA A ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalharemos neste capítulo alguns conceitos teóricos necessários para a estruturação deste trabalho assim como uma contextualização do objeto de análise historicamente e seus desdobramentos para entendermos a hipótese final. Para isso utilizaremos autores como o Sociólogo Manuel Castells e seu conceito de “Auto Comunicação de Massas”.

Manuel Castells contemplará em suas obras, estudos voltados ao entendimento do mundo pós guerra-fria e a dinâmica social, econômica e política vigente nas décadas seguintes. Tais estudos se voltam principalmente ao incremento tecnológico em fervor advindas da corrida armamentista e espacial e principalmente tratará das tecnologias da

informação e comunicação, dos quais a internet seria o principal vetor, como meios pelo qual o mundo se reestrutura.

Para Castells (2005) “[...] na sociedade globalizada o espaço não define os seus fluxos mas os fluxos que definem o espaço.”, ou seja, a partir de um campo de visão mais amplo os fluxos recorrentes da globalização, essa principalmente do capital financeiro e da divisão internacional do trabalho, transformam o espaço de acordo com seus interesses o que leva indiretamente a desigualdade, com regiões mais desenvolvidas economicamente e bolsões de pobreza dominados pelo capital financeiro global.

Essa reestruturação dos fluxos como condicionantes do espaço é o resultado segundo Castells (2005) do rápido processo de aprofundamento da tecnologia como suporte a uma produção mais complexa em escala mundial e à interdependência produtiva. Isso o autor chama de o “fim do industrialismo” e o início do “informacionalismo” pois as escalas de produção dependem de uma capacidade de comunicação e informação muito mais velozes, propiciada pela inovação da telefonia e principalmente da Internet. Com isso o autor relaciona que dentro do que se entende por *redes* as principais conexões são aquelas das tecnologias da informação.

Além da economia como braço forte do desenvolvimento tecnológico temos também no pós guerra-fria, segundo Costa (2009), um alargamento da presença militar norte-americana no mundo e uma mudança na estratégia geopolítica voltada para a manutenção da hegemonia. Tal reestruturação requer um aparato tecnológico de comunicação e informação que conecte suas bases ao redor do mundo, elevando ainda mais a implementação em escala global desses meios comunicativos como a internet.

A ação globalizante tanto da economia quanto da geopolítica internacional ligadas aos interesses do país hegemom, nesse caso os Estados Unidos, acaba por transformar os espaços através dos fluxos, como vimos acima no conceito de Castells, portanto podemos inferir que tal ação acarreta a transformação do território, desterritorializando, reterritorializando e multiterritorializando o espaço.

Segundo Castells (1999) estamos em uma nova era da informação com o advento da internet e sua forma específica de aparelho midiático. Essa forma segundo o autor é a diferenciação entre o “informativo” e “informacional”, ou seja, em meios como a televisão, o jornal e a rádio passam pelo crivo editorial para publicação, tendo um caráter de informar o leitor, ouvinte e espectador a partir de uma leitura pré-construída do que se quer informar, é uma realidade unidirecional e vertical. Enquanto que no outro há uma abundância de informações conectadas e aparentemente complexas que geram a criação por meio do

internauta de sua própria informação, tornando o receptor da mensagem o próprio criador e disseminador. O autor dá o nome à essa característica de “auto comunicação de massas”, que é multidirecional e interativa, os emissores de mensagem são também receptores, o tempo pode ser simultâneo ou não e é local e global ao mesmo tempo.

O que se refere Castells, acima, é o cerne diferencial da internet para os meios tradicionais de comunicação, televisão, rádio e imprensa. Para o autor a Galáxia Internet abre a possibilidade para uma nova forma de comunicação que não passa necessariamente sob algum crivo editorial, tornando essa ferramenta capaz de uma organização comunicativa como a que ocorreu em movimentos como Occupy Wallstreet<sup>15</sup>, a “Primavera Árabe”<sup>16</sup> e as jornadas de junho<sup>17</sup>. O movimento dos “indignados”, como tem denominado Castells, tem um ponto em comum, a utilização da internet como meio promotor da organização de tais movimentos. Conforme o autor, em uma entrevista concedida à Universidad Oberta de Catalunya, quando perguntado se esses movimentos o haviam surpreendido:

Na verdade, não. No meu livro *Comunicação e Poder* dediquei muitas páginas para explicar, a partir de uma base empírica, como a transformação das tecnologias de comunicação cria novas possibilidades para a auto-organização e a automobilização da sociedade, superando as barreiras da censura e repressão impostas pelo Estado. Claro que não depende apenas da tecnologia. A internet é uma condição necessária, mas não suficiente. As raízes da rebelião estão na exploração, opressão e humilhação. Entretanto, a possibilidade de rebelar-se sem ser esmagado de imediato dependeu da densidade e rapidez da mobilização e isto relaciona-se com a capacidade criada pelas tecnologias do que chamei de ‘auto comunicação de massas’ (CASTELLS, 2011).

Obviamente a internet não surge como meio de ação social e política, mas habilitador de movimentos desse tipo, essencialmente sem bandeiras políticas, sem pautas únicas, sem lideranças e que no espectro político podem jogar tanto para a direita como para a esquerda, são movimentos de indignação.

Esse novo paradigma de movimentos através da internet é por grande medida impulsionada por um estopim surgido na rede, como no caso da primavera Árabe, onde o compartilhamento em massa de informações sobre a imolação de Mohammed Bouazizi repercutiu fortemente sobre a opinião pública na Tunísia. No mesmo sentido no Brasil em

<sup>15</sup> Iniciado em 17 de setembro de 2011 em Nova York, o movimento protestava contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência, sobretudo do setor financeiro, no governo dos Estados Unidos.

<sup>16</sup> Série de Revoltas populares em países de maioria Árabe como Tunísia, Egito e Síria.

<sup>17</sup> “Jornadas de Junho” foi um termo cunhado pela academia para designar uma série de movimentos pacíficos de protesto contra a atual conjuntura política do país.

junho de 2013 também surgem nas redes vídeos que descaracterizavam a imagem passada pelas grandes redes de televisão dos protestos em São Paulo. O resultado como já mencionamos é o movimento dos indignados.

Portanto, segundo Castells (1999), o caráter informacional passado pela internet é capaz de gerar uma cadeia de informação compartilhada que não tange, necessariamente, os meios tradicionais de comunicação em massa.

Nesse sentido é que surge o foco de nossa análise em relação ao *Wikileaks*, como um meio informacional que nos permite estudar, através dos documentos compartilhados, o papel dos Estados Unidos na desestabilização de governos que não servem aos seus interesses.

O *Wikileaks* surge em 2007 com pequenas publicações e sem muita atenção da mídia mundial, os primeiros documentos comprovavam casos de corrupção e até mesmo de assassinatos sumários feitos por ditadores em alguns países da África subsaariana, porém que não atraía muita atenção. A fundação do domínio “*Wikileaks*” se deu realmente em 1999, por Julian Assange, um australiano que com 22 anos de idade já respondia por mais de 30 casos judiciais por crimes cibernéticos.

A intenção de Assange com o *Wikileaks* era, como se encontra no Website: “*Wikileaks* é um serviço público multi-jurisdicional desenhado para proteger desclasificadores, jornalistas e ativistas que tenham material sensível à comunicar para o público.<sup>18</sup>” Como visto o objetivo central é o de publicar informações consideradas secretas por órgãos governamentais, que não sairiam sem que fosse garantido o anonimato da fonte. Assange utiliza uma ferramenta chamada IRC<sup>19</sup> para se comunicar de forma segura com as fontes, de fato nem mesmo ele teria como saber a identidade dessa fonte.

*Wikileaks* somente começou a aparecer na cena mundial em 2010 com o vazamento de milhares de arquivos do exército norte-americano e suas ações na então guerra do Iraque. Esse episódio, como mencionamos, ficou denominado pelo próprio *website* de *Cablegate*<sup>20</sup>. Dentre esses arquivos se encontrava um vídeo de 2007 mostrando um helicóptero do tipo Apache, de uso exclusivo norte-americano, executando suspeitos de ligação com movimentos terroristas. O conteúdo do vídeo chamou muita atenção da mídia e logo descobriram que o vídeo se

<sup>18</sup> *Wikileaks is a multi-jurisdictional public service designed to protect whistleblowers, journalists and activists who have sensitive materials to communicate to the public*

<sup>19</sup> Internet Relay Chat (IRC) é um protocolo de comunicação utilizado na Internet. Ele é utilizado basicamente como bate-papo (chat) e troca de arquivos, permitindo a conversa em grupo ou privada. Utilizado por muitos Hackers que querem manter seu anonimato e segurança digital por ser um meio criptografado.

<sup>20</sup> Um “*Cable*” ou cabo é no linguajar diplomático um relatório ou ata de uma reunião entre diplomatas dos Estados Unidos. Ficou denominado dessa forma por fazer uma comparação com o escândalo do “*Watergate*” sob o governo de Richard Nixon nos Estados Unidos, onde o vazamento de diversos arquivos secretos condenaram o então presidente.



tratava da execução de um grupo de repórteres da *Reuters International*. Como é possível verificar no vídeo, um dos repórteres carregava um instrumento de filmagem que o piloto do helicóptero havia confundido com um lança-mísseis, no áudio do vídeo é possível verificar a ordem de execução.

O responsável pelo vazamento desses arquivos foi um soldado do exército que estava no Iraque trabalhando para o setor da inteligência. Bradley Manning se comunicou com Assange via IRC, porém não conseguiu manter seu anonimato por muito tempo. Quando o vídeo foi posto a público o Departamento de Estado norte-americano logo entrou em ação, não demorou muito para rastreamento para o acampamento no Iraque a fonte de *Downloads* dos milhares de arquivos. Bradley foi sentenciado a 35 anos em prisão militar e Assange por ter disponibilizado o site se torna procurado da justiça e foge para a Suécia onde o ordenamento jurídico<sup>21</sup> específico do país o protegeria por um tempo. O ataque norte-americano não se baseia na veracidade dos documentos desclassificados mas sim no ataque à organização em si e no seu fundador, Julian Assange. Conforme explica Castells (2009) essa é a mais antiga tática de governos contra as mídias, “para que se esqueçam da mensagem: ataque o mensageiro”.

Para Spektor (2011) a reação norte-americana por trás do *Wikileaks* é demonstrativo do drama representado pelo vazamento desses arquivos. O autor chega à conclusão em seu artigo de que a aparição do *Website* no meio internacional não chega a representar um perigo eminente à hegemonia estadunidense, pois há outros meios mais eficientes de desclassificação de arquivos e de seus estudos, como por exemplo, o *Freedom of Information Act*<sup>22</sup>, e a instituição sem fins lucrativos denominados *The National Security Archives*<sup>23</sup>. Porém a nosso entender é possível que através dessas fontes haja maior abertura para pesquisadores fora do “*establishment*”, ou seja, o aparato de desclassificação por meio desses dois instrumentos citados acima é altamente controlado pelo governo norte-americano, a decisão de que documentos são desclassificados e de quem tem licença para aceder a esses arquivos passa por uma decisão governamental.

Castells (2009) afirma que a comunicação é uma das mais básicas ações humanas, logo qualquer coisa que possa transformar a comunicação pode também transformar as

---

<sup>21</sup> A Suécia é reconhecidamente um país com leis voláteis em se tratando do meio digital. Como exemplo um dos partidos políticos do país é o chamado *Pirate Party*, partido que tem como principal bandeira a luta contra as atuais leis de propriedade intelectual e industrial, incluindo *Copyrights* e patentes.

<sup>22</sup> U.S.C. § 552 é uma lei passada pelo congresso estadunidense em 4 de Julho de 1966, que prevê a liberação de documentos classificados como secretos e sob controle do governo, mediante uma série de procedimentos legais.

<sup>23</sup> É uma instituição não-governamental e sem fins lucrativos, criada em 1985 por um grupo de historiadores e jornalistas com o intuito de analisar e estudar documentos provenientes do *Freedom of Information Act*.

relações sociais. Porém, o sociólogo defende que não é necessariamente o *Wikileaks* que se torna importante nesse cenário mas as reações que ele pode desencadear.

Portanto a possibilidade que o *Wikileaks* nos concede é o de aceder de forma mais fácil a documentos até então não revelados para a maior parte dos pesquisadores, possibilitando-nos estudar o processo de intervenção e de desestabilização de um governo como o de Chávez através de novas fontes até então desconsideradas. Segundo Castells (2009) a internet pode surgir em certos aspectos como um aparelho contra hegemônico, pois ao possibilitar que a informação não seja mais de domínio vertical e unidirecional permite a construção de uma nova informação, quebrando com o consentimento da classe hegemônica.

Veremos, então, no próximo ponto a análise desses documentos selecionados que nos propusemos no início do trabalho, cruzando com dados já estudados por Eva Gollinger e outros autores, conectando com a análise do método de estrutura histórica, nesse caso a venezuelana, realizado no capítulo anterior.

### 3.2. USAID/OTI: ANALISANDO A PARTICIPAÇÃO DESSES ATORES NA TENTATIVA DE GOLPE SUAVE

Os documentos que iremos analisar nesse ponto foram desclassificados pelo *Wikileaks* em 2008 e datam de 2004 e 2006. Tais documentos são parte de uma série de mensagens enviadas desde a embaixada dos Estados Unidos em Caracas para diversos órgãos como o Departamento de Estado e escritórios específicos da CIA e Pentágono. A análise desses documentos por si só não serão suficientes para nossa análise e devemos aclarar que são parte de um estudo mais complexo, requerendo também a análise de discursos oficiais de instituições norte-americanas e de documentos abertos pelo *Freedom of Information Act*.

Nesse sentido cabe voltar à análise feita no segundo capítulo desse trabalho onde expusemos as principais forças que se confrontaram nesses primeiros anos do governo de Chávez, mais especialmente nesse primeiro momento à USAID, NED e IRI.

O IRI iniciou seus trabalhos na Venezuela em 1994, ainda sob o regime de *Punto Fijo*. Mas foi somente em 1998 com a eleição de Chávez que órgãos como USAID e NED passam a financiar pesadamente seus operativos. De acordo com Gollinger (2005) o funcionamento do IRI no país tinha uma ligação direta com as forças sociais do país, já que USAID e NED, que cumpriam esse papel anteriormente, foram proibidas pelo congresso de financiar diretamente partidos, movimentos sociais e afins em 1984. Desse modo o financiamento fluía por meio do

IRI e a OTI. Os objetivos da USAID na Venezuela de acordo com o Website<sup>24</sup> são: 1) promover a democracia e a liberdade de expressão, 2) ajudar a fortalecer um sistema partidário democrático e 3) assistência à sociedade civil para que ela possa garantir o exercício da democracia.

Outra instituição que terá papel preponderante nesse fluxo de financiamento será a *Development Alternatives Inc. (DAI)*. A forma de operação será praticamente a mesma, somente que não terá relação direta com o governo norte-americano nem o congresso, como o IRI. Denominam-se como uma companhia privada independente que supre de assistência técnica para o desenvolvimento. Atualmente seus principais trabalhos são realizados no Oriente Médio, mais especificamente no Afeganistão, de acordo com seu Website<sup>25</sup>. De fato, segundo Mallet-Outrim<sup>26</sup> a DAI financiou em 2002 uma campanha propagandística da direita venezuelana durante as greves petroleiras, que como vimos resultará na demissão dos principais nomes da empresa. A empresa ainda tem um histórico de proximidade em Cuba, por meio dos nacionais que hoje vivem nos Estados Unidos.

Outra instituição é a *Freedom House (FH)*<sup>27</sup>, com uma operação similar e objetivos convergentes, somente que adiciona a luta por direitos humanos. No entanto será financiada principalmente pela *Office Transition Initiatives (OTI)*, um ramo da USAID que operará na Venezuela.

Nesse sentido trabalharemos principalmente dois documentos que demonstram o operativo dessas instituições norte-americanas na Venezuela. O primeiro, Anexo A, discorrerá sobre o período de 2002 a 2004, com uma relação direta entre as instituições e os partidos de oposição a Chávez. O segundo, porém, Anexo B, será de redação do então embaixador William Brownfield, em exercício de 2004 a 2006 e se baseará em um operativo mais sistemático, atuando longe dos partidos, pois em 2004 o escândalo da confirmação do envolvimento direto dos Estados Unidos com os partidos políticos os forçará a mudar de estratégia.

---

<sup>24</sup> Disponível em: < <http://www.usaid.gov/where-we-work/latin-american-and-caribbean/venezuela>>. Acesso em: Outubro de 2014

<sup>25</sup> Disponível em: <http://dai.com/>. Acesso em: Outubro de 2014

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.greenleft.org.au/node/53825>. Acesso em: outubro de 2014

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/>. Acesso em: Outubro de 2014

### 3.2.1. Relatório sobre o Programa Venezuelano da USAID/OTI

Conforme o primeiro documento, as operações da OTI se iniciaram em Agosto de 2002. Cabe ressaltar que em Abril do mesmo ano houve o golpe, fracassado, contra Chávez. O documento também aclara que seus operativos serão parte de uma estratégia geral norte-americana para a Venezuela. Nesse sentido o programa foca em: apoio ao processo eleitoral; apoio a um ambiente eleitoral favorável; facilitação de oportunidades para o diálogo entre oposição e governo; além de educação cívica e pública e de direitos humanos.

No documento desclassificado, McFarland explicita as principais organizações com financiamento direto da OTI. Dentre elas, o IRI, a DAI e diversas outras organizações da sociedade civil. Porém, o embaixador é taxativo ao afirmar que as condições para atuação na Venezuela tem sido dificultadas por conta de o governo estar constantemente acusando o governo norte-americano de intervenção. De fato muitos organismos estão optando por não aceitar diretamente o financiamento da USAID, o que poderia gerar uma falta de credibilidade. Exemplo disso é o caso de uma organização para observatório eleitoral, seu financiamento por meio da OTI tem causado baixa resposta nos objetivos que tenta alcançar.

Para poder tangenciar essa problemática a embaixada dos Estados Unidos, segundo McFarland, tem negociado com outras embaixadas para conseguir apoio financeiro. O objetivo do diplomata é angariar fundos que não estivessem diretamente comprometidos com o governo norte-americano. Ainda segundo o documento, as respostas foram vagas e sem comprometimento.

Outro programa da OTI para o país e que nos salta como mais importante, é um financiamento de US\$ 550.000 para trabalho direto com partidos políticos. Ainda que o documento não especifique quais partidos estão sendo financiados, aclara se tratar de partidos primariamente opositores ao governo. O projeto constituiu basicamente da aproximação entre “líderes eleitorais da América Latina” com a liderança dos partidos para fornecimento de “assistência técnica”. No entanto o diplomata aclara que tentaram envolver os partidos coligados no governo, porém não aceitaram a aproximação.

Outra aproximação com os partidos opositores ocorre por intermédio do IRI, com um financiamento de US\$ 450.000 para o treinamento dos partidos nas áreas de design, planejamento e execução de campanhas eleitorais. Além de outro programa específico com financiamento de US\$ 285.000 para capacitação em observações eleitorais. A capacitação desses operativos é realizado através da organização *Hagamos Democracia*, que de acordo com o documento já havia terminado o treinamento com a COPEI e o *Bandera Roja*.

O financiamento por meio da DAI se relaciona mais com diversos organismos da sociedade civil do que com partidos. Um de seus principais operativos como veremos mais adiante é a educação cidadã em assuntos políticos, como democracia e funcionamento dos poderes. Segundo McFarland esses operativos conseguem se aproximar mais das forças governistas e conta como uma vitória o fato de conseguir essa aproximação, chegando a dizer que isso demonstra o papel fundamental que essas instituições tem feito no país.

De fato os operativos iniciais pós-golpe terão maior precaução, trabalhando desde as bases opositoras o fortalecimento de uma nova aproximação com as instituições do país. Nesse sentido temos a construção de uma rede complexa que trabalhará principalmente com o fator ideológico. Como evidencia o documento o objetivo da educação política no país é o de fazer frente ao crescente e cativador discurso ideológico de Chávez. Como vimos em Cox essas forças ideárias, são um ponto essencial para se entender o complexo Estado/Sociedade Civil e a formação da hegemonia.

Entretanto esse primeiro documento ainda que essencial para se entender um panorama geral da ação dos Estados Unidos na Venezuela, está, conforme aclarado no início, parcialmente desclassificado, grande parte do conteúdo em que se detalhava mais a fundo os organismos e entidades relacionadas no processo foram cortados. Portanto veremos a seguir outro documento contendo os operativos postos em prática pelo recém apontado embaixador William Brownfield no ano de 2004 a 2006. Esse documento consta como um grau de classificação pelas agências norte americanas como “secreta”, expondo, portanto, mais claramente os organismos presentes na estratégia.

### 3.2.2. Suporte Programático para a Estratégia de 5 Pontos da USAID/OTI

Como vimos anteriormente em 2004 chega a Caracas um novo embaixador, William Brownfield. Esse terá um novo obstáculo a enfrentar já que pelos escândalos de envolvimento com partidos opositores, a OTI fica proibida, pelo congresso norte-americano, de financiar ou trabalhar expressamente com partidos.

Nesse sentido, de acordo com o Anexo B, em 2004 o embaixador havia desenhado os cinco pontos estratégicos para guiar as atividades da embaixada na Venezuela. Os cinco pontos são: 1) Fortalecer as instituições democráticas; 2) Penetrar a base política Chavista; 3) Dividir o Chavismo; 4) Proteger negócios vitais aos Estados Unidos e; 5) Isolar Chávez internacionalmente.

As operações criadas para concretizar esses cinco pontos ainda serão comandadas através da USAID/OTI, de onde surgirão os financiamentos. O documento elaborado pelo embaixador versará sobre as operações já realizadas no país no período de 2004 a 2006. Não obstante esse documento lista uma série de organizações não governamentais (ONGs) por meio dos quais se permeará os cinco pontos estratégicos.

Com relação ao primeiro ponto o embaixador explica que esse seria onde se encontra a maior parte do trabalho realizado pela OTI na Venezuela. Considerando que o trabalho coordenado com a sociedade civil organizada é um importante pilar para a democracia e que representa uma esfera onde Chávez ainda não conseguiu aferir controle. O documento aclara ainda que muitas das organizações, mais de 300, serão criadas a partir do início das operações da OTI no país, fruto do financiamento e de apoio logístico e tecnológico. O embaixador deixa claro que mais de US\$ 15 milhões foram realocados para essas ONGs.

Em relação à *Freedom House*, a OTI juntamente com a DAI irão financiar 15 diferentes organizações centradas em direitos humanos no país. As duas instituições irão realocar cerca de US\$ 1.8 milhões para treinamento, capacitação e apoio logístico e jurídico. O documento irá seguir detalhando as principais organizações. Uma das instituições citadas é a *Venezuelan Prison Observatory*, uma ONG focada na delação de crimes contra direitos humanos que ocorrem nas prisões do país. O custo operativo, como mostra o documento é por meio do financiamento da FH e segundo o embaixador, naquele mesmo ano – 2006 – ocorreria a fundação de uma nova instituição ligada a essa, a *Latin American Prison Observatory*.

Outras ONGs criadas a partir dos operativos da OTI no país são: centro de direitos humanos da universidade central da Venezuela e a rede de advogados dos direitos humanos do Estado Bolivariano. Um caso em especial se destaca dentre as delações dessas duas ONGs, o caso do massacre de 12 mineiros, alegadamente por meio do exército bolivariano.

Além das ONGs envolvidas com os Direitos Humanos foram criadas e financiadas outras relacionadas especificamente para o ativismo político. Segundo o embaixador o governo venezuelano tem pouco influência e cooptação de grupos desses tipos. A necessidade e importância para o financiamento desses é a atração de uma parcela da população que não apoie o governo. Duas dessas instituições são a *Por La Caracas Posible* e *Democracy Among Us*. A primeira pretende chamar a atenção para áreas do país onde o governo tenha supostamente abandonado e a segunda é parte de um programa para contrapor o discurso ideológico da esquerda bolivariana.

O *Democracy Among Us* se apoia em 5 áreas de educação: 1) Separação dos Poderes;

2) Forma do Direito; 3) O papel da responsabilidade cidadã; 4) Tolerância Política; 5) O papel da sociedade Civil. De acordo com o anexo A essas operações são realizadas por diversas outras ONGs no país e atingiram cerca de 600.000 pessoas. O papel educador dessa instituição, assim como das outras citadas acima, são de prover um maior fortalecimento democrático no país, com base em uma democracia norte-americana.

No segundo ponto, de penetrar a base política chavista se relaciona fundamentalmente com o terceiro, dividir o chavismo. A operação se concentra com a fundamentação de conciliar os opositores com a situação para fortalecer as políticas comunitárias. Segundo Brownfield Chávez divide a política com uma retórica de ódio e violência, logo a conciliação desses grupos caberia ao resultado de minar o apoio chavista no país.

O Visor Participativo é um aglomerado de ONGs, 34 no total, que trabalham nos níveis municipais para cooptar os chavistas. Com um pressuposto de US\$ 1.1 milhões a OTI tem financiado esses grupos políticos com o fim de trabalhar proximamente aos prefeitos, em um total de 48, o país como um todo têm 337 municípios. O objetivo central dessas alianças é o de contrapor a centralização que têm sido feita por Chávez no governo federal, ao dar suporte jurídico e técnico para que os prefeitos possam travar a centralização.

Nesse sentido a OTI tem trabalhado com outras instituições de caráter oposicionista para minar o interesse dos cidadãos com o discurso de Chávez. A CECAVID, por exemplo, é uma ONG formada essencialmente por mulheres que tem como objetivo atrair outras mulheres do país para a luta por maiores direitos trabalhistas. A PROCATIA é uma organização que funciona nos bairros do país para coleta de lixo e reciclagem. As duas ONGs têm uma iniciativa essencialmente positiva, porém o objetivo central, como aclarado pelo embaixador, é o de minar apoio ao governo. A OTI financiou essas iniciativas com US\$ 1.2 milhões, diversificando em outras ONGs também com o mesmo caráter de impacto social positivo.

O quinto ponto se consistiu em duas estratégias principais, uma primeira relacionada com as ONGs de Direitos Humanos como vimos acima e outro em relação ao projeto de lei proposto à assembleia nacional venezuelana para cooperação internacional. Esse projeto, promulgado em 2009, visava dispor sobre a cooperação internacional do Estado venezuelano com outros Estados, organismos, instituições e empresas internacionais. De acordo com o primeiro artigo o projeto expunha um ordenamento para o funcionamento dessa cooperação.

O modo como a embaixada se utilizou dessa lei foi para enfraquecer a imagem do mandatário no plano internacional. De acordo com o anexo A esse projeto poderia vir a findar as ONGs que haviam implementado até então. Nesse sentido a justificativa de uma oposição

era de que Chávez estava, ditatorialmente, retirando as instituições democráticas do país.

Segundo vemos no Anexo B o programa de intercâmbio financiado pela OTI conectou os organismos internos de Direitos Humanos com os organismos já bem estruturados no exterior. Segundo o embaixador os representantes dessas ONGs internas participaram de *Workshops* e congressos internacionais, para elucidar o meio internacional das violações que vinham ocorrendo no país. Além também de trazer especialistas para a Venezuela para que tomassem conhecimento da situação do país. Além ainda de vários seminários sobre a questão do projeto de lei de cooperação internacional que foi usado pela oposição para desacreditar o governo. Organizações como o CIVICUS, uma rede internacional de diversas ONGs sobre direitos humanos, colocaram a Venezuela e o governo chavista na lista de preocupação internacional sobre violações de direitos. Outras instituições como a Organização dos Estados Americanos (OAS) também mostraram preocupação com o projeto de lei enviando uma carta para a assembleia nacional venezuelana, além também de uma faculdade de direito de Buenos Aires e até mesmo o Observatório de Democracia do Mercosul expressaram suas preocupações.

O descrédito de Chávez no cenário internacional se baseará, portanto, na afirmação de que o mandatário estaria descumprido com os regimentos internacionais sobre direitos humanos. Dessa forma a OTI isolaria Chávez internacionalmente.

Como vimos acima, as operações estadunidenses na Venezuela no período de 2004 a 2006 irão se restringir ao apoio às ONGs, afastando-se da oposição e dos partidos políticos. Porém, em uma pesquisa que realizamos sobre a história e a diretoria de algumas dessas ONGs citadas demonstram a ligação dessas com a oposição. Como exemplo de uma das organizações de ações positivas foi a PROCATIA, com pouca pesquisa descobrimos que o diretor dessa instituição é José Golfredo Quintero Perozo<sup>28</sup>, que tem trabalhado com essa mesma instituição por diversos anos. Perozo no ano de 2010 concorreu às eleições para a assembleia nacional venezuelana pelo *Voluntad Popular*<sup>29</sup>, fruto de uma cisão do *Primero Justicia*, e hoje é o principal partido de oposição, cujo diretor é Leopoldo Lopez.

Outra ONG citada e que terá fortes embates com o governo chavista é o *Venezuelan Prison Observatory*, cujo diretor geral é Humberto Prado Sifontes. Tal ONG foi criada no ano de 2002 e a partir de então é uma das maiores receptoras dos incentivos da OTI. Sifontes é

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.noticias24.com/venezuela/noticia/127644/la-activista-social-ana-gabriel-teran-analiza-la-popularidad-del-presidente-chavez-en-catia/>. Acesso em: Novembro de 2014.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://delibreopinionpolitica.blogspot.com.br/2010/04/jose-quintero.html>. Acesso em: Novembro de 2014



hoje acusado pela ministra para o Serviço Penitenciário, Iris Varela<sup>30</sup>, de incitar uma série de levantamentos violentos nas prisões do país nos dias anteriores às eleições no ano de 2010. Segundo a Ministra, Sifontes estaria tentando causar um impacto negativo na imagem do governo ao colocar o sistema penitenciário em revolta. Instituições como a CIVICUS<sup>31</sup>, citada acima, iniciaram uma campanha internacional de defesa do diretor da ONG, alegando não haver provas sobre o caso e que o governo somente estava difamando sua imagem.

No entanto a intervenção norte-americana é clara nos objetivos principais expostos por Brownfield, de desestabilizar Chávez. Como vimos no Anexo A, os planos da embaixada não se demonstram abertamente, somente ao entendermos os principais partidos envolvidos com as organizações estadunidenses é que percebemos a aproximação estratégica desses grupos. Os líderes da COPEI e *Bandera Roja* chegam a ser citados como os partidos que à época já haviam concluído o treinamento da OTI. O segundo partido, ainda que de esquerda e de cunho revolucionário, é um dos principais partidos de oposição ao chavismo, sendo coligados ao *Mesa de la Unidad Democrática (MUD)* cujo líder é Henrique Capriles.

As forças sociais envolvidas no processo são, dessa forma, as mesmas que constituíram o governo *puntofijista* em algum momento. Líderes políticos que, como vimos, surgiram no pós golpe de 2002 como principais representantes da antiga república como Henrique Capriles e Leopoldo López, que serão os principais opositores do governo e intimamente ligados às instituições norte-americanas, USAID, OTI e afins.

Não obstante tanto Leopoldo López como Henrique Capriles estiveram intrinsecamente ligados ao golpe em 2002. Lopez esteve no dia 11 de Abril liderando a marcha oposicionista pelas ruas de Caracas. Participou, ainda, da prisão de diversos líderes do governo como o *ministro de Interior y Justicia*, Ramon Rodríguez Chacín<sup>32</sup> e ainda permitiu que se utilizasse o distrito onde até então era *Alcalde*, como base para o golpe geral.

No mesmo sentido Capriles participou do golpe, ainda que afirme não haver tomado parte, de forma direta. No dia 11 esteve juntamente com Lopez na prisão de Ramon Rodríguez. Além desse episódio Capriles foi o líder no atentado contra a embaixada cubana<sup>33</sup>, onde os manifestantes, após terem recebido informações de que o vice presidente da Venezuela havia se refugiado na embaixada, cortaram o fornecimento de luz e água do prédio durante horas. O embaixador German Sanchez Otero em uma conversa com Capriles disse

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.aporrea.org/actualidad/a148746.html>. Acesso em: Agosto de 2014

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.civicus.org/index.php/en/get-involved/665-crisis-response-fund-venezuela-appeal>. Acesso em: Novembro de 2014.

<sup>32</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-Q8m0AXGCYE>>. Acesso em: Novembro de 2014.

<sup>33</sup> Disponível em: < <http://gilsonsampaio.blogspot.com.br/2012/02/henrique-capriles-y-su-participacion-en.html>>. Acesso em: Novembro de 2014.

que ele estava violando o tratado de Viena, que permitia uma embaixada a refugiar líderes políticos que estejam sendo perseguidos e que não poderiam sofrer retaliações físicas por isso.

Ambos, Lopez e Capriles, foram 3 e seus casos correram até 2008 sem uma resolução definitiva. Ambos foram absolvidos após a lei de anistia promulgada pelo próprio Chávez que retirou as acusações de maior parte dos envolvidos, em exceção de figuras mais ativas como de Pedro Carmona, até hoje refugiado na Colômbia.

Não obstante outros documentos relacionados à Venezuela que se encontram no *Wikileaks* demonstram ainda mais envolvimento contra Chávez. Golinger (2010) revelará em um breve artigo que o então secretário do Estado para Assuntos do Hemisfério Ocidental enviara um telegrama desde a embaixada de Santiago no Chile em 2007 para o Departamento de Estado norte-americano. O conteúdo desse telegrama listava 6 pontos principais para derrubar Chávez do poder. Segundo a autora, Kelly havia participado ativamente do golpe de Estado em Honduras em 2009.

### 3.3. EMBATE ENTRE HEGEMONIAS

Muitos outros documentos mostram o envolvimento dos Estados Unidos com grupos opositoristas na Venezuela. No entanto, tomamos os que nos pareceu como principais e que de certa forma moldaram um operativo existente até os dias atuais. O conteúdo dos documentos revelados pelo *Wikileaks* nos mostram de forma detalhada como ocorrem os operativos para desestabilizar Chávez do poder e como financiam grupos mais próximos de seu campo ideológico. De fato muita da estratégia dos Estados Unidos tem sido nesse campo, como vemos no caso do isolamento do Chávez no cenário internacional. A estratégia é a da difamação, ao denunciar sistematicamente casos de contradição aos Direitos Humanos e ao propagandear, conjuntamente com os grupos nacionais e internacionais da mídia as acusações da forma de governo implementada no país.

Como podemos ver a estratégia norte americana na Venezuela tem uma base fundada na força das ideias, ou seja, o predicamento de conceitos como a da democracia serão fundamentais para se entender a hegemonia a partir da perspectiva de Cox. Voltando à análise realizada no primeiro capítulo deste trabalho vemos que há uma ligação direta sobre a legitimação da hegemonia estadunidense através de seus operativos e métodos para desestabilizar Chávez. As ONGs que trabalhamos nesse capítulo seriam as instituições, que como amálgamas das ideais e capacidades materiais, representam respectivamente uma

educação cívica por meio de organismos como a *Democracy Among US* e o fornecimento tanto de financiamentos como de logísticas e inteligência. A USAID por meio do seu braço estratégico, a OTI, funciona dentro da perspectiva Coxiana como um exemplo das categorias de força, e nesse sentido, influem constantemente nas três esferas de atividades.

As forças sociais internas venezuelanas seriam uma das categorias mais exemplares que sofrem essa intervenção norte americana, pois as agências irão trabalhar firmemente com as mesmas que como vimos controlam grande parte das indústrias, a mídia e das terras. Nesse sentido as forças de produção, cujas capacidades materiais são representações dos interesses das forças sociais opositoras ao chavismo, servem como um ponto essencial para desestabilizar Chávez. De fato, Henrique Capriles e Leopoldo Lopez, que serão os maiores nomes de oposição do país, são, como vimos, herdeiros políticos de uma classe muito tradicional venezuelana, sendo suas famílias controladoras de grandes fortunas e empresas por todo o país (capacidades materiais que vão determinar as forças de produção e consequentemente as relações sociais).

Enquanto às formas de Estado que se veem em relação direta na Venezuela nesse período, da chegada de Chávez ao poder, podemos ver uma mudança estrutural brusca. Como já mencionado, a troca no poder modifica as bases das relações sociais de poder dentro do país, forças que antes tinham o controle do Estado agora estavam a margem do processo. Nesse sentido, as forças tradicionais do regime de *punto fijo* agora se encontram na oposição. O consenso que um dia foram capazes de imprimir agora já não se conforma hegemonia. A ascensão de Chávez representa, também, nos moldes de Cox, a ascensão de um novo aparato ideológico que se espalha pelo interior do Estado, ou seja, uma nova hegemonia capaz de gerar consenso.

No entanto não podemos generalizar o esquema gramsciano e dizer que todas as forças sociais, todas as classes, irão entrar nesse consenso. A análise realizada nesse trabalho é exemplar disso e por dois motivos, um no interior do Estado mesmo e outro em relação exterior. No primeiro caso temos o exemplo do golpe em 2002, que é necessariamente a tentativa dessas antigas forças retomarem o poder. É um conflito interno de ideias, valores e tradições, uma antiga e deteriorada, principalmente após o Caracazo, e outra que chega a esse poder representado pelas forças bolivarianas na liderança de Chávez.

Contudo, nosso trabalho focou também em uma análise sistêmica de nosso objeto, buscando mapear a influência do ambiente externo nos fatos internos venezuelanos. Os Estados Unidos surgem dentro de nossa análise como uma hegemonia externa com interesses claros dentro da Venezuela, retirar Chávez do poder e voltar a um Estado mais amigável aos

seus interesses. Nesse sentido a hegemonia norte americana, cuja imagem também se deteriora com o rechaço das medidas neoliberais dentro da conjuntura venezuelana, é outra força a se tomar em conta. Essa hegemonia estadunidense de caráter mundial é o que Cox trabalhou como uma ordem hegemônica, principalmente no pós guerra Fria.

Nesse sentido ocorre um embate de hegemonias pelo controle do Estado venezuelano. Por um lado a força governista, chavista, e por outro as forças opositoras *puntofijistas* (antiga hegemonia) em ação conjunta com a hegemonia internacional norte americana. Os documentos do *Wikileaks* que tratamos aqui nesse capítulo são representativos dessa ação conjunta, que por meio das ONGs pretendem desestabilizar Chávez e retomar o poder no país, ficando evidente a articulação de forças sociais nacionais e internacionais na tentativa de um golpe “suave”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os documentos analisados nos mostram que os operativos realizados pelas agências norte-americanas no país são em si uma intervenção política mais contida e mais mediada, como temos chamado, esse estratégia é a do golpe suave, ou seja, os Estados Unidos não intervêm diretamente na política interna do país. O que devemos pensar aqui é se a relação indireta como verificada, tentando desestabilizar Chávez também poderia se conformar como um indicativo de golpe. No sentido estrito da palavra não poderíamos qualificar de tal forma, pois, um golpe se caracteriza pela tomada do poder, de forma usualmente violenta e necessariamente de forma antidemocrática. Todo e qualquer golpe, invariavelmente e independente da conformação política do país, seja uma democracia, uma autarquia ou uma monarquia, é em si antidemocrático.

Nesse sentido da palavra o indicativo de golpe não se caracteriza, pois o governo norte-americano não está em vias de tomada do poder, pelo que parece. Porém se expandirmos o nosso entendimento de golpe e considerarmos que a intervenção externa, o financiamento da oposição, a desestabilização e o isolamento de Chávez internacionalmente se caracterizam como indicativos de tal então temos um golpe em formas não estritas. Nesse sentido é que o golpe “suave” tem surgido em debates pela América Latina. A capacidade logística e de inteligência dos Estados Unidos tem sido verificado em diversos países, a Venezuela é que trabalhamos nesse trabalho.

O estudo realizado no segundo capítulo nos possibilitou mostrar como se deu historicamente a formação do que está atualmente ocorrendo na Venezuela. Mais importante nos mostrou a fonte dos atuais conflitos ao entendermos o papel histórico das forças sociais. Essa dialética entre as forças sociais, as formas de Estado e a ordem mundial trabalhadas nos mostraram o sentido mais amplo do que realmente ocorre no país. Obviamente a conjuntura histórica por si só não seria suficiente se não pudéssemos mostrar, através dos documentos vazados, a inserção dos Estados Unidos no processo.

O golpe suave se insere em um momento em que um governo se mostra internacionalmente contrário ao imperialismo norte-americano. Não obstante opositores como AD e COPEI, além de nomes como Leopoldo López e Henrique Capriles, são as principais vias de acesso dessa estratégia de derrubada do poder de um presidente eleito democraticamente.

O estudo realizado ao longo desse trabalho é taxativo de que uma perspectiva como a

realista/neorrealista não seriam suficientes para chegar a esse resultado, pois, ao reificar o Estado e o Sistema Internacional não poderíamos entender como se coloca a estratégia norte-americana no processo. O entendimento através de Waltz não colocaria uma perspectiva de golpe que não fosse no seu sentido estrito da palavra. Como vimos, para essa estratégia, é essencial o operativo realizado com a oposição interna do país, ainda que de forma mascarada, nesse sentido o operativo conta com as forças internas do país. Na teoria neorrealista a perspectiva interna é colocada em segundo plano, os Estados Unidos somente teria como meio de ação o próprio Estado, seria uma confrontação direta entre Estados. No entanto, é perceptível a relevância desses atores para a conjuntura atual. Até mesmo o que se entende por Estado na teoria neorrealista é completamente diferente da que trabalhamos. A formação do Estado em Cox, é nesse sentido, essa relação interna entre as diferentes forças sociais.

Contudo, cabe ressaltar que esse trabalho não tinha por objetivo analisar as forças sociais estadunidenses, pois por si só já seria conteúdo suficiente para outro trabalho. No entanto a perspectiva de Cox já é taxativa de que o Estado por si só não atua como uma hegemonia no sistema internacional, a conformação específica desse país e a hegemonia da classe dominante é o que atua no sistema. Se relacionamos que as estruturas históricas de um país são as determinantes para seu comportamento, então temos que somente os grupos de interesse dominante desse país que interferem na Venezuela. Como vimos no segundo capítulo o papel que tinham as sete irmãs na PDVSA era central e como grupo de interesse não lhes interessa sua nacionalização real. No entanto, não teríamos as fontes necessárias para afirmar se ou quanto essas empresas interferiram no processo, somente com outro trabalho que poderíamos estudar essa questão.

A análise necessária para esse trabalho nos trouxe um maior entendimento dos processos que hoje ocorrem, não somente na Venezuela mas em toda a América Latina. Caso exemplar foi o que mencionamos sobre a intervenção norte-americana no Chile de Allende. A frase de Richard Nixon afirmando que deveriam fazer a economia chilena gritar é taxativo, depois dessa afirmação se notou diversas greves pelo país, a principal sendo a de motoristas de caminhões, que pararam o país economicamente. Essa estratégia se caracteriza pelo que chamamos aqui de golpe suave. De fato existe uma historicidade de intervenções no continente por parte dos Estados Unidos. Nesse quesito, o *Wikileaks* surge como uma nova fonte para se analisar tais casos. Os documentos vazados pelo *website* nos fornecem uma nova interpretação por se tratar de mais dados, que como o segundo documento analisado não viriam a público por se tratar de um documento secreto.

De fato a afirmação de Eva Gollinger sobre um guia de intervencionismo dos Estados Unidos é em si demonstrativo de que a presença norte-americana na região é constante e se complexou com o tempo. Algumas afirmações de que hoje estaríamos em um momento em que os Estados Unidos “soltaram a coleira da América Latina” não analisam a realidade de nosso continente de forma mais profunda. A Venezuela de Chávez e hoje de Maduro é um exemplo de que governos contrários aos interesses norte-americanos ainda sofrem uma forte intervenção.

Em suma, esse trabalho me mostra de forma mais profunda e complexa a realidade das Relações Internacionais, que não basta olharmos para os Estados e para o sistema internacional de forma reificada, que os estudos na área devem abordar as relações internas de cada país trabalhado e que relações sociais de produção tem um enorme fator nas realidades. A visão de que a área de RI é essencialmente o estudo dos Estados em conflito e cooperação esconde uma realidade muito mais complexa, nesse sentido há de se estudar mais a fundo essas intrincadas relações em distintos níveis das Relações Internacionais.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- AYALA, Carlos Capriles. **Pérez Jimenez y su tiempo**. Caracas: Consorcio de Ediciones Capriles, 1987.
- BETHEL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (Org.). **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- BLUM, William. **A Brief History of U.S. Interventions: 1945 to the Present**. Z magazine, junho 1999. Disponível em: [http://www.thirdworldtraveler.com/Blum/US\\_Interventions\\_WBlumZ.html](http://www.thirdworldtraveler.com/Blum/US_Interventions_WBlumZ.html). Acesso em Fevereiro de 2013.
- BLUM, William. **Killing Hope: U. S. Military and CIA Interventions Since World War II - Part I**. Londres: Zed Books, 2003
- BOUÉ, Juan Carlos. **El programa de internacionalización en PDVSA: ¿triunfo estratégico o desastre fiscal?** Revista venezolana de economía y ciencias sociales. Vol. 8, n 2, 2004.
- CALDERÓN, Álvaro Silva. **Trayectoria de la nacionalización petrolera**. Revista venezolana de economía y ciencias sociales. Vol. 12, n 1. Ene-abr. 2006.
- CANELÓN, Fidel; GONZALES, Franklin. **El Modelo Político Puntofijista, Desarrollo Agotamiento y Perspectiva**. Revista Venezolana de Análisis de Conyuntura, v.V, n.1, Caracas, 1998.
- COSTA, W. **O Brasil e a América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da integração**. Confins, 2009. Disponível em: <http://confins.revues.org/index6107.html>. Acessado em: Outubro de 2014.
- CARR, Edward Hallet. **Vinte Anos de Crise: 1919-1939**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- CERVO, Amado Luis. **A Venezuela e os seus vizinhos**. Revista Cena Internacional, n 3, 2001.
- COMBELLAS, Ricardo. **El poder ejecutivo en la constitución de 1999**. Anuário Ibero americano de Justicia Constitucional, n 8, 2004.
- COX, Robert W. **Gramsci, Hegemony and International Relations: an Essay in Method**. In: Stephen, G. *Gramsci, Historical Materialism and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 49-66.
- COX, Robert W. **Social forces, states and world orders: beyond international relations**



**theory.** In Millennium: Journal of International Studies. Vol. 10, N.º 2, 1981.

GENTIL, Denise L; MARINGONI, Gilberto. **O que o Caos pode nos Ensinar?** Revista Valor, 2008. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/view.asp?cod=2878>. Acessado em: Outubro de 2014.

GOLINGER, Eva. **El Código Chávez: Descifrando la Intervención de Estados Unidos em Venezuela.** Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana C.A., 2005.

GOLLINGER, Eva. **Wikileaks: documents confirms US plans against Venezuela.** 2010. Disponível em: <http://www.chavezcode.com/2010/12/Wikileaks-documents-confirm-us-plans.html>. Acessado em: Outubro de 2014.

GONZALES, Milko S. **El petróleo como instrumento de Política Exterior en el Gobierno del presidente Hugo Chávez Frías.** Revista Venezolana de análisis de Conyuntura. Jul-Dez. Vol. 9, n 02, UCV. 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere (vol. 2).** São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2000.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil.** Col. Os Pensadores. Trad.: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HORKHEIMER, Max. **“Teoria Tradicional e Teoria Crítica”.** In: HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. Textos Escolhidos, p. 31-68. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2008

KORNBLITH, Miriam; LEVINE, Daniel H. **Venezuela: The Life And Times Of The Party System.** Working Paper #197. Hellen Kellog Institute. 1993. Disponível em: <http://pdba.georgetown.edu/Parties/Venezuela/Leyes/PartySystem.pdf>. Acessado em: Setembro de 2014.

KORNBLUH, Peter. **The Pinochet File: A Declassified Dossier on Atrocity and Accountability.** Editora New Press. New York, 2003.

MARINGONI, Gilberto. **Revoluções do Século 20: A Revolução Venezuelana.** São Paulo: Editora Unesp, 2008.

MAYA, Margarita L. **La Protesta Popular Venezolana entre 1989 y 1993 (en el Umbral del Neoliberalismo).** In: MAYA, Margarita L. *Lucha Popular, Democracia, Neoliberalismo: protesta popular en América Latina en los Años de Ajuste.* Caracas: Nueva Sociedad, 1999.

MAYA, Margarita L. **Venezuela: Hugo Chávez y el Bolivarianismo.** Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales v.14 n.3 Caracas dic. 2008

MAYA, Margarita L., et al. **De Punto Fijo al Pacto Social: desarrollo y hegemonía en Venezuela 1958 – 1985.** Caracas: Fondo Editorial Acta Científica Venezolana, 1989.

MAYA, Margarita L; LANDER, Luis F. **La Transformación de una Sociedad Petrolera-  
rentista: desarrollo económico y viabilidad democrática en Venezuela.** In: GAITÁN, Pilar. *Democracia y reestructuración económica en América Latina.* Bogotá: IEPRI-CEREC, 1996.

MORGENTHAU, Hans J. **A Política Entre as Nações: A luta pelo poder e pela paz.** Tradução de Oswaldo Biato da edição revisada por Kenneth W. Thompsom. São Paulo: editora Universidade de Brasília. 2003

OLIVEIRA, Renata P. **Pós-neoliberalismo e a configuração de novas alianças políticas na América Latina: Bolívia, Venezuela e Equador.** Comunicação & política, v.30, nº2, p.027-047. 2012. Disponível em: <http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/23732.pdf>. Acessado em: Setembro de 2014.

PADRÓS, Enrique Serra. **As Escolas Militares Dos Estados Unidos E A Pentagonização Das Forças Armadas Da América Latina.** Outros Tempos. ISSN 1808-8031, Vol. 1 esp., 2007, p. 13-31. Disponível em: <[http://www.outrostempos.uema.br/vol\\_especial/dossieespecialart02.pdf](http://www.outrostempos.uema.br/vol_especial/dossieespecialart02.pdf)>. Acessado em: Setembro de 2014.

PAREDES, Alejandro. **La Operación Cóndor y la guerra fría.** *Universum.* [online]. 2004, vol.19, no.1 [citado 12 Octubre 2008], p. 122-137. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-) Acesso em março de 2013.

PNUD. **La democracia en América Latina: hacia una democracia de ciudadanas y ciudadanos.** PNUD, Chile. Artículo de Guillermo O'Donnell. Disponible en: <[www2.ohchr.org/spanish/issues/democracy/costarica/docs/PNUD-seminario.pdf](http://www2.ohchr.org/spanish/issues/democracy/costarica/docs/PNUD-seminario.pdf)> Acessado em: Setembro de 2014.

SHARP, Gene. **Da Ditadura à Democracia: uma estrutura conceitual para a libertação.** Tradução de José A. S. Filardo. São Paulo: The Albert Einstein Institution, 2002. Disponível em: <https://bibliot3ca.files.wordpress.com/2011/03/da-ditadura-a-democracia-gene-sharp2.pdf>. Acessado em: Outubro de 2014.

SOUZA, Nilson A. **Economia Internacional Contemporânea: da depressão de 1929 ao colapso financeiro de 2008.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

VILLA, Rafael D. **Venezuela: mudanças política na era Chávez.** São Paulo: Centro de Estudos Avançados 19 (55), p. 153-172. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/10.pdf>>. Acessado em: Outubro de 2014.

VIZENTINI, Paulo F. **A Política Externa da Venezuela frente a Globalização (1989 – 2001).** In: GUIMARÃES, Samuel P; CARDIM, Carlos H (Org.). *Venezuela: visões brasileiras.* Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais – IPRI, 2003.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das Relações Internacionais.** Tradução de Maria Luisa Felgueiras Gayo. Lisboa: Gradiva, 2002.

## ANEXOS

**ANEXO A: RELATÓRIO SOBRE O PROGRAMA VENEZUELANO DA USAID/OTI**

This record is a partial extract of the original cable. The full text of the original cable is not available.

UNCLAS CARACAS 002224

SIPDIS

E.O. 12958: N/A

TAGS: [PREL EAID KDEM PHUM VE](#)

SUBJECT: UPDATE ON THE USAID/OTI VENEZUELA PROGRAM

-----  
SUMMARY

-----  
¶1. (U) USAID's Office of Transition Initiatives (OTI) began its Venezuela program in August 2002 to support a democratic solution to Venezuela's political crisis as part of an overall USG strategy. USAID's overall goal in Venezuela is to support a political process that is democratic, constitutional, electoral and peaceful. Specifically the program focuses on: support to electoral processes, support of a favorable electoral environment, facilitating opportunities for dialogue between government and opposition supporters, public civic education, and human rights. To support this program, USAID is funding the following partner organizations: The National Democratic Institute for International Affairs, the International Republican Institute, the Carter Center, Development Alternatives, Inc., and a large number of Venezuelan civil society organizations. The program is scheduled to run through FY ¶2005. End Summary.

-----  
Background

-----  
¶2. (U) Since the failure of the national strike more than a year ago, the opposition has chosen a path for political change based on the constitutional right of citizens to recall elected public officials half-way through their terms of office. This strategy resulted in a signature-gathering exercise November 28 to December 1, 2003 to recall President Chavez. The opposition announced that it had collected 3.4 million signatures, significantly more than the 2.4 million needed.

¶3. (U) The National Electoral Board (CNE), the government institution responsible for overseeing electoral events - including verifying the validity of the signatures - is widely believed to be composed of three government supporters and two opposition supporters, a split that has affected CNE decisions on the long and contentiously convoluted signature collection and validation process. In

late April, 2004, the CNE announced that of the 3.4 million signatures collected, 1.9 million were valid, 300,000 were invalid, and 1.2 million needed to be "repaired" - that is, reconfirmed in a separate process which was carried out May 29 - 31. At the end of this process, the CNE found that the opposition had collected more than the 2.4 million valid signatures required for a referendum against President Chavez. The referendum was subsequently scheduled for August 15. If President Chavez were recalled, a presidential election would be held a month later. This would be followed by elections for governors and mayors in late September. These electoral events will almost certainly be carried out in an atmosphere of mutual distrust and accusations by the government and the opposition.

¶4. (U) The working environment for USAID is affected by the continued accusations of the GoV that the U.S. Government is directly involved in efforts to overthrow the Chavez government. President Chavez frequently alleges that President Bush is personally heading this effort, and that one of the mechanisms utilized is working through the National Endowment for Democracy (NED). These accusations are frequently coupled with threats to cut off oil shipments to the United States. Thus far, the GoV has not made any statements regarding USAID's involvement in "Venezuela's internal affairs". At minimum, the ongoing attacks on NED grantees have made clear to local NGOs that accepting USG funding carries with it great risk, including the possibility of jail.

-----  
 USAID Support  
 -----

¶5. (U) USAID is supporting two cooperative agreements with the National Democratic Institute for International Affairs (NDI). The first agreement provides \$770,000 to work with civil society to help ensure the transparency and integrity of electoral processes through domestic observation. This project will be implemented through a consortium of individuals and groups affiliated with both the government and the opposition. Specifically the consortium will focus on observing: political/civil/human rights, the quality of the electoral process, and the implementation of a quick count. Progress on this project has been much slower than anticipated due to the ongoing attacks of President Chavez on organizations that have received USG funding. This has resulted in the reluctance of individuals and organizations affiliated with this project to accept USG funding (albeit via NDI) out of concern that this could potentially compromise the perceived neutrality of the observation effort. For months NDI has been working with numerous embassies in an attempt to secure non-USG funding for the

project, with limited success to date beyond promises. This funding issue is coupled with the slowness and caution with which the project's board of directors has been operating in Venezuela's highly politicized environment. NDI, however, remains confident that the conditions for electoral observation efforts - including the quick count - will be in

place by August 15, although not of the scale initially envisioned. This project is scheduled to end September 29, 2004.

¶6. (U) The second cooperative agreement with NDI provides \$550,000 to strengthen political parties. This project got off to a late start given that the project manager did not assume his position until January, 2004. In his absence, however, there were - and continue to be - periodic visits by Latin American electoral specialists who have advised political leadership, primarily from the opposition, regarding strategy. In the remaining months of the project, the two NDI in-country electoral specialists - in conjunction with visits by international electoral specialists - will continue to meet with party leadership, in Caracas and in the provinces, to provide technical assistance where possible and appropriate. Involvement of government supporters in this project has been negligible despite ongoing efforts by NDI to reach out to the government. This project is scheduled to end September 29, 2004.

¶7. (U) USAID is also supporting two cooperative agreements with the International Republican Institute (IRI). The first, for \$450,000, is to provide training to political parties on the design, planning, and execution of electoral campaigns. This is being done through "campaign training schools" targeting campaign managers, emphasizing the development of viable campaign strategies and effectively communicating party platforms to voters. Divided into five two-day modules, the training is being offered in five regional centers which also accommodate surrounding states. By the end of June, the first four modules will have been completed in Caracas (including representatives from the states of Vargas, Aragua, Guarico and Amazonas), Zulia (Tachira, Falcon, Barinas, Merida, Trujillo and Apure), Anzoategui (Amacuro, Monagas, Sucre, and Nueva Esparta) and Carabobo (Lara, Cojedes, Guarico, and Yaracuy). Given that a presidential referendum is now scheduled, the planned 5th module - which was to focus on fund-raising - has been revised to include efforts to encourage voter participation, and public education regarding the difference between a referendum and a normal electoral event. Participant response continues to be uniformly enthusiastic - while participation by government-leaning parties has been

insignificant despite IRI's efforts to encourage government participation, including offering separate sessions for government supporters. IRI is working with NDI to study the possibility of offering training tailored to specific parts of the country in the lead-up to the regional elections in September. This project is scheduled to end September 17, ¶2004.

¶8. (U) The second cooperative agreement with IRI, for \$285,000, is to support the training of political parties in the observation of electoral processes. Working through a local NGO, Hagamos Democracia (HD), and in collaboration with the CNE, IRI/HD have developed educational materials for the training of poll watchers with the focus on observation - per CNE norms - assessment, and reporting. The strategy involves training-of-trainers affiliated with participating political parties - who will then carry out the actual training of the political party observers. An important expected outcome of this project is the establishment of a formal network of contacts and volunteer trainers throughout the country. To date, Hagamos Democracia has completed training the trainers of COPEI and Bandera Roja. There is no participation of the government in this project despite IRI/HD offering to hold separate courses for government-affiliated parties - the last invitation being in mid-January. USAID has requested that IRI reinvigorate its efforts to reach out to government-affiliated parties due to the importance of their participation to the success of the overall project and the referendum. This project is scheduled to end September 17, ¶2004.

¶9. (U) USAID has awarded five grants to the Carter Center for both institutional support and observation efforts. The grants total \$1.4 million. USAID will also support Carter Center observation of the presidential referendum, as well as the regional elections (mayoral and gubernatorial) which are to take place in late September. The institutional support grant is scheduled to end December 31, 2004.

¶10. (U) With Development Alternatives, Inc. (DAI), USAID Venezuela is implementing a program of small grants, primarily in partnership with Venezuelan civil society. The main focus has been to facilitate dialogue between segments of society that would be unlikely to sit down together to discuss issues of mutual interest. The 100 plus grants to date have mostly supported workshops dedicated to specific issues (e.g. family violence, municipal planning, conflict resolution, and the role of the media in a democratic society) which serve as fora for dialogue and bridge building.

¶11. (U) While providing venues for dialogue will continue to be one of the objectives of the small grants program, DAI

is also working with a local partner to develop a national agenda/vision for the future. Currently there are more than

30 existing national agendas, an indication that there are a significant number of individuals and organizations - including the Coordinadora Democrática - who recognize the pressing need to have a viable and attractive vision for the future. This project is working with the authors of the existing national agendas to develop a consensual vision that will then be validated in a series of workshops held throughout the country. The objectives are to increase citizen participation in the development of a national agenda - to encourage ownership, to involve key sectoral stakeholders (e.g. media, business) in moving national priorities beyond discussion - and to make a clear statement to political leaders regarding expectations of the citizens of Venezuela.

¶12. (U) Another DAI project is a nation-wide campaign to be launched in late June - "Venezuela Convive" - which will encourage the concept of peaceful coexistence between individuals and organizations with strongly contrasting opinions - a value that is strongly held by most Venezuelans, and which is perceived as being under attack by the current climate of political intolerance. This campaign will include a media component (TV, radio and newspapers) and strong support by civil society who will implement numerous projects throughout the country in support of "convivencia" - living together in peace. Reaction to the project has been overwhelmingly positive - including strong support by chavismo - a clear demonstration that Venezuelans are tired of political and economic turmoil and want to move forward.

¶13. (U) A complement to this project is a national effort to work with 7,000 of the political party observers who participated in last year's signature-gathering exercise and this year's "repairing" process. The project is a series of workshops focused on political tolerance as an essential element of a healthy democracy. Observers from government parties have been given authorization from Caracas to participate in these workshops, which is a first for USAID whose events are normally weighted towards participation by opposition supporters despite strong outreach efforts to government supporters. An interesting outcome of most of these workshops has been requests by government-leaning participants that the training be extended to government supporters who are not electoral observers - a request mirrored by the opposition participants, but intriguing coming from government supporters given the GoV's ongoing attacks on organizations that accept USG funding. This demonstrates the hunger that Venezuelans have for concrete



actions that can help bridge the current political divide.

¶14. (U) Planned for the coming months will be a campaign of civic education on the roles and responsibilities of citizens in a democratic society. As a result of the events of the past 18 months, Venezuela has been forced to mature as a democratic society - the major lesson being that democracy is the responsibility of each individual; that democracy is not something external imposed on the individual. Education regarding democratic values is constantly cited by Venezuelans as an area that needs reinforcement. This project will be carried out by a consortium of NGO which specialize in civic education. As a complement, continued emphasis will be placed on the role of the media in a democracy.

¶15. (U) Another sector receiving increased emphasis by USAID is human rights, in response to the human rights abuses of late February / early March, 2004. Two projects have been recently funded through DAI with local human rights organizations to support human rights education: education on human rights working with the Catholic Church and local NGO Ventana por la Libertad. (Note: The director of Ventana por la Libertad recently received a visit from three members of Venezuela's political police who questioned him, among other things, about his organization's receiving funding from the USG. End note.) Several more projects with local human rights organizations are in the process of being funded. In addition, USAID is studying the possibility of funding projects with Freedom House and the Inter-American Institute for Human Rights.

¶16. (U) Given the nature of the USAID Venezuela portfolio - and the complicated and fluid nature of the Venezuelan political landscape - USAID's measurable impact to date is hard to assess. Certainly the USG is better engaged as a result of project activities carefully coordinated in the embassy in support of USG objectives. Funding for the Carter Center continues to support critical activities, which was especially evident during the reparations process. At minimum, as a result of the DAI activities there has been increased dialogue between groups that would not normally interact - with very encouraging results. For example, the head of the state tourism board in Anzoategui State recently told the USAID Country Rep that at a meeting of the municipal tourism boards in late June he wished he'd had a camera to record the presence of representatives of all the municipalities - something that he would have deemed impossible before the USAID-funded dialogue project which brought together municipal representation from both the government and the opposition. In addition, there have been a number of interesting initiatives that have come out of

the DAI activities.

-----  
Future Role  
-----

¶17. (U) USAID/OTI normally works in a country for two or three years before handing off the program portfolio - normally to the USAID Mission (which does not exist in Venezuela), or to another donor organization. USAID/OTI is currently anticipating handing over its activities in FY 2005. It is clear, however, that there will be a need for a USAID/OTI-type program in Venezuela through FY 2006 as Venezuela proceeds through the scheduled elections for national legislators and the presidency.

McFarland

NNNN

2004CARACA02224 - UNCLASSIFIED

**ANEXO B: SUPORTE PROGRAMÁTICO PARA A ESTRATÉGIA DE 5 PONTOS DA USAID/OTI**

VZCZCXRO4744  
 PP RUEHAG RUEHROV  
 DE RUEHCV #3356/01 3131503  
 ZNY SSSSS ZZH  
 P 091503Z NOV 06  
 FM AMEMBASSY CARACAS  
 TO RUEHC/SECSTATE WASHDC PRIORITY 6955  
 INFO RUEHBO/AMEMBASSY BOGOTA PRIORITY 7104  
 RUEHBR/AMEMBASSY BRASILIA PRIORITY 5809  
 RUEHLP/AMEMBASSY LA PAZ PRIORITY 2394  
 RUEHPE/AMEMBASSY LIMA PRIORITY 0647  
 RUEHMU/AMEMBASSY MANAGUA PRIORITY 1449  
 RUEHME/AMEMBASSY MEXICO PRIORITY 4010  
 RUEHOT/AMEMBASSY OTTAWA PRIORITY 0832  
 RUEHQT/AMEMBASSY QUITO PRIORITY 2480  
 RUEHTC/AMEMBASSY THE HAGUE PRIORITY 1090  
 RUEHROV/AMEMBASSY VATICAN PRIORITY  
 RUCNDT/USMISSION USUN NEW YORK PRIORITY 0612  
 RUMIAAA/HQ USSOUTHCOM MIAMI FL PRIORITY  
 RHEHNSC/NSC WASHDC PRIORITY  
 RUEHUB/USINT HAVANA PRIORITY 0996  
 RUCNMEM/EU MEMBER STATES COLLECTIVE  
 S E C R E T SECTION 01 OF 04 CARACAS 003356

SIPDIS

SIPDIS

HQSOUTHCOM ALSO FOR POLAD  
 DEPT PASS TO AID/OTI RPORTER

E.O. 12958: DECL: 11/02/2026  
 TAGS: PGOV PREL PHUM VE  
 SUBJECT: USAID/OTI PROGRAMMATIC SUPPORT FOR COUNTRY TEAM 5  
 POINT STRATEGY

CARACAS 00003356 001.2 OF 004

Classified By: Robert Downes, Political Counselor,  
 for Reason 1.4(d).

-----  
 SUMMARY  
 -----

¶1. (S) During his 8 years in power, President Chavez has

systematically dismantled the institutions of democracy and governance. The USAID/OTI program objectives in Venezuela focus on strengthening democratic institutions and spaces through non-partisan cooperation with many sectors of Venezuelan society.

¶2. (S) In August of 2004, Ambassador outlined the country team's 5 point strategy to guide embassy activities in Venezuela for the period 2004 ) 2006 (specifically, from the referendum to the 2006 presidential elections). The strategy's focus is: 1) Strengthening Democratic Institutions, 2) Penetrating Chavez' Political Base, 3) Dividing Chavismo, 4) Protecting Vital US business, and 5) Isolating Chavez internationally.

¶3. (S) A brief description of USAID/OTI activities during the aforementioned time period in support of the strategy follows:

-----  
 Strengthen Democratic Institutions  
 -----

¶4. (S) This strategic objective represents the majority of USAID/OTI work in Venezuela. Organized civil society is an increasingly important pillar of democracy, one where President Chavez has not yet been able to assert full control.

¶5. (S) OTI has supported over 300 Venezuelan civil society organizations with technical assistance, capacity building, connecting them with each other and international movements, and with financial support upwards of \$15 million. Of these, 39 organizations focused on advocacy have been formed since the arrival of OTI; many of these organizations as a direct result of OTI programs and funding.

¶6. (S) Human Rights: OTI supports the Freedom House (FH) "Right to Defend Human Rights" program with \$1.1 million. Simultaneously through Development Alternatives Inc. (DAI), OTI has also provided 22 grants to human rights organizations, totaling \$726,000. FH provides training and technical assistance to 15 different smaller and regional human rights organizations on how to research, document, and present cases in situations of judicial impunity through a specialized software and proven techniques. Following are some specific successes from this project, which has led to a better understanding internationally of the deteriorating human rights situation in the country:

Venezuelan Prison Observatory: Since beginning work with OTI, OVP has taken 1 case successfully through the inter-American system, achieving a ruling requiring BRV special protective measures for the prison "La Pica". Also,

on November 7th - 12th they will be launching the Latin-American Prison Observatory, consolidating their work with a regional network. OVP receives technical support from FH, as well as monetary support from Pan American Development Foundation (PADF). Due to the success of the OVP in raising awareness of the issue, the BRV has put pressure on them in the form of public statements, announcing investigations, accusing them of alleged crimes as well as death threats.

Central Venezuelan University Human Rights Center: This center was created out of the FH program and a grant from

CARACAS 00003356 002.2 OF 004

DAI. They have successfully raised awareness regarding the International Cooperation Law and the human rights situation in Venezuela, and have served as a voice nationally and internationally.

Human Rights Lawyers Network in Bolivar State: This group was created out of the FH program and a grant from the DAI small grants program. They are currently supporting the victims of a massacre of 12 miners in Bolivar State allegedly by the Venezuelan Army. Chavez himself was forced to admit that the military used excessive force in this case. They will present their case to the Inter-American Commission on Human Rights in February 2007.

¶7. (S) Citizen Participation in Governance: Venezuelan NGOs lack a long history of social activism. In response, OTI partners are training NGOs to be activists and become more involved in advocacy. The successes of this focus have been as follows:

Support for the Rights of the Handicapped: OTI has funded 3 projects in the Caracas area dealing with the rights of the handicapped. Venezuela had neither the appropriate legislation nor political will to assure that the cities are designed and equipped in a handicapped sensitive fashion. Through these programs, OTI brought the issue of the handicapped to the forefront, trained advocacy groups to advocate for their rights and lobby the National Assembly, and alerted the press regarding this issue. Subsequent to this, the National Assembly was forced to consider handicapped needs and propose draft legislation for the issue.

Por la Caracas Possible (PCP): Once-beautiful Caracas has decayed over the past several years due to corruption and lack of attention. PCP is a local NGO dedicated to bringing attention to this problem. They have held campaigns with communities shining a light on the terrible job elected leadership are doing resolving the problems in Caracas. During their work they have been expelled from communities by

the elected leaders, further infuriating communities that already feel un-assisted.

¶8. (S) Civic Education: One effective Chavista mechanism of control applies democratic vocabulary to support revolutionary Bolivarian ideology. OTI has been working to counter this through a civic education program called "Democracy Among Us". This interactive education program works through NGOs in low income communities to deliver five modules: 1) Separation of Powers, 2) Rule of Law, 3) The Role and Responsibility of Citizens, 4) Political Tolerance, and 5) The Role of Civil Society. Separate civic education programs in political tolerance, participation, and human rights have reached over 600,000 people.

-----  
 Penetrate Base/Divide Chavismo  
 -----

¶9. (S) Another key Chavez strategy is his attempt to divide and polarize Venezuelan society using rhetoric of hate and violence. OTI supports local NGOs who work in Chavista strongholds and with Chavista leaders, using those spaces to counter this rhetoric and promote alliances through working together on issues of importance to the entire community. OTI has directly reached approximately 238,000 adults through over 3000 forums, workshops and training sessions delivering alternative values and providing opportunities for opposition activists to interact with hard-core Chavistas, with the desired effect of pulling them slowly away from Chavismo. We have supported this initiative with 50 grants totaling over \$1.1 million. There are several key examples of this:

¶10. (S) Visor Participativo: This is a group of 34 OTI

CARACAS 00003356 003.2 OF 004

funded and technically assisted NGOs working together on municipal strengthening. They work in 48 municipalities (Venezuela has 337), with 31 MVR, 2 PPT and 15 opposition mayors. As Chavez attempts to re-centralize the country, OTI through Visor is supporting decentralization. Much of this is done through the municipal councils (CLPPs). The National Assembly recently passed a law that creates groups parallel to the mayor's offices and municipal councils (and that report directly to the president's office). These groups are receiving the lions share of new monies Chavez is pumping into the regions, leaving the municipalities under-funded. As Chavez attempts to re-centralize all power to the Executive in the capital, local Chavista leadership are becoming the opposition as their individual oxen are gored. Visor has been providing these leaders with tools and skills for leadership to counter the threat represented by the new

legislation.

¶11. (S) CECAVID: This project supported an NGO working with women in the informal sectors of Barquisimeto, the 5th largest city in Venezuela. The training helped them negotiate with city government to provide better working conditions. After initially agreeing to the women's conditions, the city government reneged and the women shut down the city for 2 days forcing the mayor to return to the bargaining table. This project is now being replicated in another area of Venezuela.

¶12. (S) PROCATIA: OTI has partnered with a group widely perceived by people in the large Caracas &barrio8 as opposition leaning. Due to incompetence of the local elected leadership, the garbage problem in Catia is a messy issue for all those who live there. This group has organized brigades to collect and recycle trash, in the process putting pressure on the government to provide basic services and repositioning the group as a respected ally of the "barrio."

¶13. (S) Finally, through support of a positive social impact campaign in cooperation with PAS, OTI funded 54 social projects all over the country, at over \$1.2 million, allowing Ambassador to visit poor areas of Venezuela and demonstrate US concern for the Venezuelan people. This program fosters confusion within the Bolivarian ranks, and pushes back at the attempt of Chavez to use the United States as a "unifying enemy."

-----  
Isolate Chavez  
-----

¶14. (S) An important component of the OTI program is providing information internationally regarding the true revolutionary state of affairs. OTI's support for human rights organizations has provided ample opportunity to do so. The FH exchanges allowed Venezuelan human rights organizations to visit Mexico, Guatemala, Peru, Chile, Argentina, Costa Rica, and Washington DC to educate their peers regarding the human rights situation. Also, DAI has brought dozens of international leaders to Venezuela, university professors, NGO members, and political leaders to participate in workshops and seminars, who then return to their countries with a better understanding of the Venezuelan reality and as stronger advocates for the Venezuelan opposition.

¶15. (S) More recently, OTI has taken advantage of the draft law of International Cooperation to send NGO representatives to international NGO conferences where they are able to voice their concerns in terms that global civil society understands. So far, OTI has sent Venezuelan NGO leaders to

Turkey, Scotland, Mexico, Dominican Republic, Chile, Uruguay, Washington and Argentina (twice) to talk about the law. Upcoming visits are planned to Brazil, Mexico, and Colombia.

CARACAS 00003356 004.2 OF 004

OTI has also brought 4 recognized experts in NGO law from abroad to Venezuela to show solidarity for their Venezuelan counterparts. PADF supported visits by 4 key human rights defenders to the Inter-American Human Rights Commission meetings in Washington in October of 2006. These have led to various successes:

Civicus, a world alliance of NGOs, has put the Venezuela issue on their Civil Society Watch short list of countries of concern.

Gente de Soluciones, a Venezuelan NGO presented their "Project Society" to the OAS General Assembly. While there, they met with many of the Ambassadors and Foreign Ministers of OAS member states to express concern about the law.

Uruguayan parliamentarians met with NGOs at a special session of the Foreign Affairs commission, and have promised to help where they can.

The Human Rights Commission of the OAS has made several public statements and sent private letters to the National Assembly expressing concern with the law.

The most prestigious law faculty in Buenos Aires, Argentina has committed to hosting an event to deal with the draft law.

The Democratic Observatory of MERCOSUR plans to hold an event early next year to discuss the draft law.

So far the Venezuelan National Assembly has received many letters and emails of opposition to the law from groups all over the world.

A private meeting between 4 Venezuelan human rights defenders and Secretary General Jose Miguel Inzulsa during the October 2006 Inter-American Commission on Human Rights (please protect).

The press, both local and international, has been made aware of the proposed law and it has received wide play in the US as well as in Latin America

¶16. (S) OTI has also created a web site which has been sent to thousands of people all over the world with details of the law in an interactive format.



-----

Comment

-----

¶17. (S) Through carrying out positive activities, working in a non-partisan way across the ideological landscape, OTI has been able to achieve levels of success in carrying out the country team strategy in Venezuela. These successes have come with increasing opposition by different sectors of Venezuelan society and the Venezuelan government. Should Chavez win the December 3rd presidential elections, OTI expects the atmosphere for our work in Venezuela to become more complicated.

BROWNFIELD